



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Análise das construções com verbo suporte *botar*: propriedades gramaticais e discursivas

Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

Fortaleza

2016

JULIANA GEÓRGIA GONÇALVES DE ARAÚJO

Análise das construções com verbo suporte *botar*: propriedades gramaticais e discursivas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: **Prof^a Dr^a Márcia Teixeira Nogueira**

**Fortaleza- CE
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A689a Araújo, Juliana.

Análise das construções com verbo-suporte botar: propriedades gramaticais e discursivas / Juliana Araújo. – 2016.

121 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2016.

Orientação: Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira.

1. Funcionalismo. 2. Fluidez categorial. 3. Verbo-suporte. 4. Botar. 5. Gramaticalização. I. Título.

CDD 410

JULIANA GEÓRGIA GONÇALVES DE ARAÚJO

ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE *BOTAR*:
PROPRIEDADES GRAMATICAIS E DISCURSIVAS

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Márcia Teixeira Nogueira (orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Maria Angélica Furtado da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Dra. Aluíza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dra. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Muito especialmente, agradeço à minha orientadora Márcia Teixeira Nogueira, pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo.

À minha família pelo incentivo, compreensão e encorajamento, durante todo este período.

Aos meus amigos, Dulcilene Rodrigues, Natália Sampaio, Lia Andrade, Glaubenilson Cavalcante, Adilson Santos pelo apoio, amizade e companheirismo.

À Vanessa Ferreira pela amizade, acolhimento, conforto e mão amiga em terras desconhecidas.

Agradeço ao PPGL e ao corpo docente, pelos ensinamentos que passaram desde o mestrado, os quais foram, são e serão muito importantes para a minha vida profissional, assim como agradeço aos funcionários, que fazem com que tudo funcione da melhor maneira possível. Ao secretário Eduardo Xavier Ary Andrade pela atenção e carinho, à Vanessa de Lima Marques Santiago e Antônia Batista dos Santos pela ajuda com os trâmites burocráticos.

À professora Maria Helena de Moura Neves, pelo interesse, apoio, disponibilidade e orientações durante o estágio sanduíche na UNESP.

À Universidade Estadual de São Paulo-Júlio de Mesquita (UNESP-Araraquara), onde pude realizar o meu estágio sanduíche.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos de Doutorado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos durante o estágio sanduíche no país.

À Universidade Federal de Mato Grosso, pelo afastamento concedido para a conclusão da tese.

A todos, minha gratidão!

RESUMO

Este trabalho visa a caracterizar formal, semântica e pragmaticamente as construções com verbo-suporte *botar*; considerando que, dentro desse “guarda-chuva” que se denominou verbo-suporte, há estruturas com comportamentos sintático-semânticos distintos. A partir das características sintático-semânticas das construções com verbo-suporte, verificaram-se três graus de fluidez categorial: construções com verbo-suporte que estão mais próximas das construções livres (grau 1), construções com verbo-suporte consideradas prototípicas (grau 2) e construções que estão mais próximas das expressões cristalizadas (grau 3). A pesquisa enfocou o uso das construções *botar* + SN/SP em Português e define as propriedades morfossintáticas e semânticas que *botar* assume ao se vincular à categoria de verbo-suporte. A investigação criteriosa sobre as propriedades de seleção de *botar* e seu comportamento sintático-semântico em construções *botar* + SN/SP forneceu ainda subsídios para se descreverem diferentes empregos de *botar* nesse tipo de estrutura e, assim, se delinear uma cadeia de gramaticalização desse verbo. A base teórica linguística de exame é a teoria funcionalista da linguagem, a qual reformula o corte rígido entre os verbos plenos e verbos-suporte, tratando esta categoria em uma perspectiva escalar e não discreta. Os *corpora* (*Norpofor*, *Porcufort* e o DUP) de análise compreendem ocorrências de V_{sup} nas modalidades formal e informal do português do Brasil, sem que se fixe como objetivo do trabalho pesquisar especificamente diferenças entre essas modalidades, mas com a hipótese de que a complexidade das CV_{sup} não poderia representar-se da mesma forma nessas modalidades de língua. Realizou-se, com esta pesquisa, uma sistematização semântico-sintática de expressões com verbo-suporte *botar* que apresentam graus de fluidez categorial. Para tanto, recorreu-se a análises múltiplas que envolvem a descrição semântico-sintática das expressões e a verificação de parâmetros que influenciam a fluidez e a apreensão de seus níveis. Os resultados demonstram ainda que a produtividade de *botar* na norma popular é maior do que na norma culta. No português culto de Fortaleza, constatamos uma frequência menor do verbo *botar*, confirmando nossa hipótese de que o

processo de gramaticalização é mais lento na modalidade culta, embora, mesmo em menor quantidade, já haja indícios de gramaticalização. Após uma análise geral nos séculos XVIII, XIX e XX, constatamos que há um aumento da frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos. Tal fato confirma que esse verbo está em processo de gramaticalização contínuo. A descrição de cada um desses níveis (com os parâmetros definidos na análise e os exemplos extraídos dos *corpora*) explicitou que o verbo *botar*, na categoria de verbos-suporte, pode fazer parte tanto de estruturas mais integradas quanto de estruturas menos integradas, conforme essas construções se aproximam ou se distanciam do protótipo de uma construção com verbo-suporte.

Palavras-chave: Funcionalismo. Gramaticalização. Fluidez categorial. Verbo-suporte. *Botar*.

Abstract

This work aims to provide some formal, semantic and pragmatic characterization of the support verb “botar”, since the wideness concerning this verb presents distinctive syntactical and semantical behaviors in its structure. From the characteristics of the syntactical and semantical constructions of the verb, three degrees of categorical flushness were explored: free constructions, prototypical constructions and structures which are nearly crystalize.

The research was concentrated in the constructions “botar+SN/SP” in Brazilian Portuguese, establishing the morpho-syntactical and semantical which the verb “botar” assumes when it is constructed as a support verb. The rigorous investigation of the selection properties of “botar” and its syntactical and semantical behavior in the “botar+SN/SP” structure provided support to describe different employments of the verb, hence leading to a chain of grammatical structures. The linguistic theoretical base used is the functionalism theory of language, which allows to precisely separating ordinary verbs from the support verbs, by treating their aspects in a scalar, rather discrete perspective. The corpus used in the analysis consists of V^{sup} occurrences in formal and informal Brazilian Portuguese language, however without restricting to only the differences among these modalities, but also using the hypothesis that the CV^{sup} complexity could not be represented in these language modalities.

The research allowed to create a systematic syntactical and semantical of expression involving the support verb which present degrees of categorical flushness. In order to achieve that, multiple analyses were conducted in which the syntactical and semantical descriptions of the expressions, in addition to the use of parameters which influences the flushness and the comprehension.

As a result of the research, the productivity of the verb is more evident in the popular rather than in the formal usage. In particular, in formal Portuguese of Fortaleza, we verified a lower frequency of use, which confirms our starting hypothesis that the grammaticalization is slower in the formal language, although we could note that it has started already. After detailed analyses in the XVIII, XIX and XX centuries, we concluded that the usage of the verb has been increasing in the past few centuries, in fact the verb is having a gradual continuous grammaticalization. According to the analysis parameters and the examples obtained from the corpus, the description of each of those levels showed that the verb “botar”, within the support verb category, can be part of both the less and more integrated structures, depending on the how close those constructions are from the prototype of a support verb construction.

Keywords: Functionalism. Grammaticalization. Categorical flushness. Support verb. Botar.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- frequência de <i>botar</i> na função de verbo-suporte.....	74
Gráfico 2- posição SN/SP.....	75
Gráfico 03- predicação SN.....	77
Gráfico 04- tempo verbal	78
Gráfico 05- modo verbal	79
Gráfico 06- formas nominais	80
Gráfico 7- frequência do item <i>botar</i> em contextos de uso	88
Gráfico 8- frequência do item <i>botar</i> no NORPORFOR e PORCUFORT	89
Gráfico 9- produtividade das construções com Vsup <i>botar</i> nos gêneros notícia e dissertação/tese.....	90
Gráfico 10- frequência do verbo <i>botar</i> ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX..	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- posição do SN/SP na construção com verbo-suporte.....	75
Tabela 2- individuação do SN na construção com verbo-suporte.....	76
Tabela 3- extensões de sentido de <i>botar</i>	78
Tabela 4- frequência do item <i>botar</i> por modalidade expressiva.....	90
Tabela 5- frequência do verbo <i>botar</i> ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX	92

LISTA DE ABREVIATURAS

ADV: adjunto adverbial

SN (SNs): Sintagma(s) nominal (is)

SP: Sintagma preposicionado

SV: sintagma verbal

CVSup: construção com verbo-suporte

VSup: verbo-suporte

NPred: nome predicador

CP: Corpus do Português

NORPOFOR: Norma Popular oral de Fortaleza

PORCUFORT: Português Culto Oral de Fortaleza

V: Verbo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Apresentação do tema	13
1.2. O objeto de estudo e sua justificativa.....	15
1.3. Objetivos, problemas e hipóteses	16
1.4. Organização da tese	19
2. ABORDAGENS TEÓRICAS	21
2.1. A orientação teórica para um estudo da língua em uso.	21
2.1.1. Verbo-suporte e o fenômeno da variação	22
2.1.2. Pressupostos Teóricos Funcionalistas.....	25
2.2. Categorização e prototipia.	29
2.3. O FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO	33
2.3.1. Processos gramaticais.....	34
2.3.2. Os precursores da gramaticalização.....	35
2.3.3. Princípios de gramaticalização	37
3. METODOLOGIA.....	47
3.1. A eleição dos <i>corpora</i>	47
3.2. Definição dos critérios de análise.....	49
4. Discussões em torno da definição de verbo-suporte.....	54
4.1. Diversidade terminológica	54
4.2. Conceito de <i>verbo-suporte</i>	57
4.2.1. Um conceito operacional de <i>verbo-suporte</i>	59
4.3. Características gerais das construções com verbo-suporte.....	61
4.3.1. Referencialidade	64
4.3.2. Apagamento do <i>Vsuporte</i>	65
4.3.3. Sentido do verbo mais esvaziado do verbo.	66
4.3.4. Posição/mobilidade do SN.....	66
4.4. O caráter escalar das construções com verbo-suporte.....	68

5. A descrição das construções com verbo-suporte <i>botar</i>	74
5.1. Apresentação geral das construções com verbo-suporte	74
5.2. Aspectos sintáticos	75
5.3. Aspectos semânticos do SN/SP:.....	79
5.4. Classificação semântica do predicado	82
5.5. Graus de fluidez categorial das construções com verbo-suporte <i>botar</i> ..	84
5.6. Análise do verbo-suporte <i>BOTAR</i> à luz dos parâmetros de gramaticalização	92
6. A FREQUÊNCIA DO ITEM <i>BOTAR</i> EM CONTEXTOS DE USO	96
6.1. Distribuição geral dos dados	96
6.3. Distribuição dos dados por gênero notícia e teses acadêmicas.....	101
6.4. Distribuição dos dados pelos séculos XVIII, XIX e XX	104
7. Considerações finais	108
REFERÊNCIAS	113

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação do tema

O presente trabalho investiga as construções com o verbo *botar* em português brasileiro à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo e das teorias sobre o fenômeno da gramaticalização (HOPPER, 1991; HEINE et al, 1991; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; BYBEE, 2003), a partir da análise do uso desse verbo em *corpora* de modalidades oral e escrita.

A teoria funcionalista, como nos lembra Neves (2004), distingue o sistema da língua e o uso da língua, mas evita estudar cada um deles fazendo abstração do outro. A forma dos enunciados não é entendida, pois, independentemente de sua função: uma descrição completa inclui referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente. De um ponto de vista funcionalista, a relação entre a intenção do destinador e a interpretação do destinatário, na interação verbal, tem a expressão linguística apenas como mediação.

Outra característica importante de uma língua natural é a sua dinamicidade. Sabe-se que a língua é um instrumento de uso que se adapta às necessidades de seus usuários pela maleabilidade e mutabilidade que a caracterizam e, por isso, é sensível às pressões de uso. Assim, a língua é considerada dinâmica e sujeita a variações e mudanças.

A gramaticalização está inserida na proposta funcionalista e é um dos meios para se explicar o fenômeno da mudança linguística. Entendemos que gramaticalização é um processo de mudança linguística que afeta o conteúdo semântico de uma palavra ou expressão no sentido de seu significado lexical dar lugar a um significado gramatical. O significado gramatical é adquirido com o processo de gramaticalização, que deixa de ser uma situação inovadora para se transformar em uma estratégia comum.

O estudo da gramaticalização de verbos também é tema de pesquisa no GEF (Grupo de Estudos em Funcionalismo) da UFC (Universidade Federal do Ceará). Pena- Ferreira (2007) investigou a gramaticalização do verbo *chegar* para identificar os diferentes usos desse verbo e sua ampliação funcional, em

especial, como se manifesta o processo de auxiliarização na mudança de seu estatuto categorial. Figueiredo-Gomes (2008) investigou o percurso de gramaticalização da expressão *é que*. Gondim (2014) estudou os processos de gramaticalização e lexicalização na expansão funcional dos advérbios em – *mente* nos séculos XIV, XVI e XX.

Jesus (2014) descreveu o comportamento semântico-sintático dos usos do verbo *tomar*, apresentando as categorias funcionais em que ele pode ser inserido. Nesse cenário, esta pesquisa analisa e descreve as propriedades sintático-semânticas do verbo-suporte *botar* e a distribuição dos dados relativos ao uso desse verbo nos graus de pertencimento à categoria de verbo-suporte.

Fortunato (2009) afirma que a dificuldade de o pesquisador desenvolver um trabalho com construções com verbo-suporte com base apenas na teoria da gramaticalização deve-se ao fato de que as expressões com verbo-suporte se encontram num “limbo” entre o léxico e a gramática. De acordo com Fortunato, as construções com verbo-suporte são combinações de verbo + um sintagma de base nominal, cujo grau de fixação sintático-semântica está entre o da combinação livre e o da fraseologia verbal. Os verbos que participam da construção com verbos-suporte passam por um processo de esvaziamento semântico fazendo com que o centro de significação da frase se desloque para a expressão nominal. Pode-se dizer que eles “conjugam” o substantivo da parte nominal, transmitindo valores de modo, tempo, número, pessoa, aspecto, fazendo com que a predicação esteja a cargo do substantivo que figura como núcleo do sintagma nominal.

Por construções com verbos-suporte, entende-se estruturas diversas que podem estar em um variado grau de fixação, grau esse que é consagrado pela frequência de uso pelos falantes, portanto, idiossincrático e não previsível. Essa falta de regularidade é típica da formação de itens lexicais; portanto, pode-se dizer que, embora o verbo que compõe esse tipo de construção sofra gramaticalização à medida que perde seus traços semânticos em prol dos traços semânticos da parte nominal, a expressão como um todo sofre lexicalização.

Há na literatura inúmeros trabalhos formalistas que descrevem o comportamento dos verbos-suporte e dos nomes predicativos que com eles ocorrem. Dentre os estudos de referência, destacam-se as descrições dos predicados nominais em francês (Leclère, 1971; Labelle, 1974; Gross, 1975, 1976, 1981).

Para as descrições do português europeu, destacam-se Ranchhood (1990); Baptista (1997, 2005); Athayde (2001) e Chacoto (2005). E, para as análises dos verbos-suporte e nomes predicativos em português do Brasil destacam-se Neves (1996); Basílio (1999); Scher (2004); Davel (2009); Duran (2011), Rassi e Vale (2013); Laporte e Pacheco (2013) e Barros (2014).

Também se podem destacar inúmeros trabalhos na perspectiva funcionalista que procuram orientar a observação das características de um item quando representa mudanças e variações que o levam à condição de item gramaticalizado, por exemplo: Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991); Bybee (2002); Gonçalves et al. (2007); Vitral e Ramos, (2006); Trousdale e Traugott (2010); Furtado da Cunha, (2013); Braga e Paiva (2011); Cezário (2012) e Martelotta (2011).

1.2. O objeto de estudo e sua justificativa

As construções com verbo-suporte *botar*, vistas no seu uso, são o objeto de análise deste trabalho, entendendo-se que essas construções é um caso complexo de combinação de elemento verbal + elemento de base nominal.

Existem, na literatura, vários termos para designar esses verbos que passam por um processo de perda semântica: *verbo leve*, *verbo-suporte* e *verbo funcional*. Tendo em vista essa variedade de termos, houve a necessidade de verificar se esses termos correspondem a realidades linguísticas diferentes ou se correspondem a estatutos semelhantes.

Estudos sincrônicos, diacrônicos e pancrônicos descrevem as construções com verbos-suporte (cf. MACHADO VIEIRA, 2001; FORTUNATO, 2009; ESTEVES, 2012; entre outros), contudo ainda há poucos trabalhos que

se dedicam a descrever essas construções em uma perspectiva escalar, não-discreta. Nesta tese a atenção se dirige para a complexidade das construções com verbo-suporte, pois se defende que essas construções encontram-se em um *continuum* diversificado internamente pelo grau de integração existente entre o verbo e o elemento nominal, admitindo estruturas diversas de construções com verbo-suporte.

O material de análise é a língua portuguesa culta e popular do Brasil. A escolha de material culto e popular para a montagem dos *corpora* deveu-se à hipótese de a complexidade das construções com verbo-suporte não se manifestar na mesma forma nessas modalidades de língua.

Destacamos, ainda, nessa pesquisa, a importância de a análise escalar para o estudo e descrição das categorias linguísticas, pois a rigidez categorial não se sustenta no uso linguístico. Conforme iremos mostrar ao longo desta pesquisa, muitas construções com verbo-suporte irão se encontrar no limiar, ora entre o verbo pleno e um verbo-suporte, ora entre o verbo-suporte e uma expressão cristalizada.

1.3 Objetivos, problemas e hipóteses

Esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever as propriedades sintático-semânticas do verbo-suporte *botar* e avaliar o uso de *botar* relacionado aos graus de pertencimento à categoria de verbo-suporte.

Tendo em vista o objetivo geral desta pesquisa, destacamos os seguintes objetivos específicos:

1. Verificar se os termos *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos suportes* correspondem a realidades linguísticas diferentes ou se correspondem a estatutos semelhantes;
2. analisar e descrever a estrutura interna das construções com verbo-suporte *botar*, observando as mudanças sintático-semânticas que sofrem em relação aos contextos de uso;

3. estabelecer critérios para a identificação das construções com verbo-suporte, delimitando, no interior de um *continuum*, diferentes graus entre as construções livres e as expressões cristalizadas;
4. analisar a produtividade das construções com verbo *botar* nas modalidades culta e popular a fim de verificar se essas construções são mais frequentes na norma popular oral;
5. investigar a produtividade das categorias funcionais de *botar* em função dos discursos jornalísticos e acadêmico;
6. verificar a frequência de *botar* ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX.

Para orientar a consecução desses objetivos, formulamos as seguintes questões norteadoras:

1. Os termos *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos-suporte* correspondem a realidades linguísticas diferentes ou correspondem a estatutos semelhantes?
2. Como se caracteriza a estrutura das construções com verbos-suporte *botar*, observando as mudanças sintático-semânticas que sofrem em relação aos contextos de uso?
3. Quais são os critérios pertinentes para a identificação das construções com verbo-suporte, considerando, no interior de um *continuum*, diferentes graus entre as construções livres e as expressões cristalizadas?
4. Qual a produtividade das construções com verbo *botar* nas modalidades culta e popular da língua portuguesa?
5. Qual a produtividade das categorias funcionais de *botar* em função dos discursos jornalísticos e acadêmico?
6. Qual a frequência de *botar* ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX?

Levando-se em conta os objetivos traçados, analisaram-se os dados de maneira a testar as seguintes hipóteses:

1. a variação de termos na literatura para designar verbos que passam por um processo de perda semântica: *verbo leve*, *verbo-suporte* e *verbo funcional* pode não ser arbitrária;
2. no aspecto sintático, o verbo-suporte perde sua natureza predicante e essa função pode passar a ser exercida pela construção verbo-suporte + elemento nominal. No aspecto semântico, o verbo-suporte sofre graus de esvaziamento;
3. quanto maior a integração entre o verbo e o elemento nominal, maior poderá ser a gramaticalização do item verbal;
4. pode-se optar pelo verbo-suporte para se obter maior adequação ao registro, isto é, a construção com verbo-suporte pode ser mais comum à fala coloquial e a determinados gêneros discursivos;
5. a natureza formal do gênero acadêmico pesquisado faz com que a produtividade das construções com verbo-suporte nesse gênero seja menos frequente;
6. A frequência do elemento verbal é maior no século XX, demonstrando que *botar* pode estar em um processo de gramaticalização contínuo.

Sabe-se que *botar*, em determinados contextos, atua com um comportamento sintático-semântico sistemático, aproximando-se de categorias gramaticais e podendo, dessa forma, ser funcionalmente descrito. Tal comportamento deve ser tratado na pressuposição de um *continuum* categorial. Dessa forma, essa pesquisa se justifica pela necessidade de se avançar no conhecimento do processo de transferência categorial do item *botar*, que ocorre sob certos aspectos sintáticos e semânticos.

Como esta pesquisa é de cunho funcionalista, preocupou-se em observar a língua além da sua estrutura linguística, ou seja, assumiu-se que a língua não pode ser descrita satisfatoriamente sem a consideração do evento comunicativo. A análise não se restringe à estrutura interna da língua, mas se volta principalmente para a situação comunicativa, a qual encerra o propósito do evento de fala, os participantes desse evento e o contexto discursivo. De acordo com esse paradigma, a língua está sujeita a mudanças, uma

determinada forma pode surgir para melhor atender a necessidade comunicativa do falante. Desse modo, pode-se afirmar que a língua é sistema de escolhas: dentro do sistema linguístico, o falante tem a liberdade organizacional, ou seja, o falante processa estruturas regulares, mas é ele que faz as escolhas que levam a efeitos semântico-pragmáticos.

O falante dispõe de várias opções dentro do sistema linguístico, e ele deve fazer uso dessas opções de acordo com a sua intenção comunicativa. O usuário da língua tem a liberdade de escolher e organizar a expressão linguística conforme seus interesses com a situação de interação. A partir dessas escolhas linguísticas, construções passam a ter lugar dentro do sistema linguístico. Partindo desse princípio de que a língua é mutável e de que quem de fato a molda são os seus usuários, optou-se por analisar o fenômeno da gramaticalização de verbos-suporte, por envolver construções amplamente utilizadas pelos usuários da língua portuguesa e por tratar-se de um fenômeno ainda pouco estudado.

1.4 Organização da tese

Além desta introdução, esta tese conta com sete capítulos. O capítulo 2 expõe a fundamentação teórica a que se vincula a pesquisa, apresentando as razões da escolha do suporte teórico, tecendo considerações que norteiam o estudo das construções com o verbo *botar*. Apresentou-se uma base teórica funcionalista, com destaque para o fenômeno da gramaticalização. O capítulo 3 descreve a metodologia utilizada para a coleta e análise de dados. No capítulo 4, apresentamos os termos correntes na literatura, tais como *verbo leve*, *verbo-suporte* e *verbo funcional* e o conceito de verbo-suporte adotado nesta pesquisa e bem como as características gerais das construções das quais faz parte. O capítulo 5 foi dedicado à análise do verbo *botar*. Nesse capítulo, são encontradas as diferentes funções do verbo em estudo e suas principais características, bem como as possibilidades de configuração de predicções com esse item. No capítulo 6, considerando as situações de uso, observamos a frequência das construções com o verbo-suporte *botar*, em seus diferentes graus no contínuo entre as construções livres e as expressões cristalizadas. Por fim, apresentamos, no capítulo 7, as principais conclusões a que se chegou

por meio das discussões teóricas e das ocorrências registradas nos *corpora* pesquisados.

2. ABORDAGENS TEÓRICAS

2.1. A orientação teórica para um estudo da língua em uso.

O estudo das construções com verbo-suporte requer um aparato teórico que considere a língua em uso, incluindo na análise, além da estrutura linguística, a situação comunicativa, o propósito do evento da fala, seus participantes e o conteúdo discursivo; para isso adota-se nesta pesquisa a corrente funcionalista.

De um ponto de vista funcionalista, conforme observa Neves (1997), a linguagem é entendida como um instrumento de comunicação, e o interesse básico da análise linguística recai sobre a verificação de como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Tendo isso em vista, as construções com verbo-suporte devem ser investigadas levando-se em consideração o seu uso em contextos reais de comunicação.

As estruturas dos enunciados relacionam-se às possíveis funções comunicativas dos diferentes textos, e, a partir daí, cabe verificar, para cumprimento da proposta deste trabalho, de que modo as construções com verbo-suporte são estruturadas e como as diferentes estruturas cumprem funções específicas. O que já de início se registra nesta pesquisa, em relação a isso, é que o falante, no uso de sua competência comunicativa, utiliza uma construção com verbo-suporte com valores não apenas semânticos, mas também textual-discursivos peculiares.

As estruturas com verbo-suporte apresentam, geralmente, verbos plenos equivalentes, por exemplo, *botar pressão e pressionar, tomar banho e banhar-se*. O questionamento que se faz é por que há na língua duas formas para representar o mesmo significado? De acordo com Ilari e Basso (2010), a língua mantém duas formas diferentes em um mesmo momento da história para representarem alternativas funcionais ou semânticas. As construções com verbo-suporte são dotadas de uma notável versatilidade, tanto do ponto de vista sintático, como do ponto de vista pragmático como se verifica no exemplo abaixo:

- 1) *Vê se pode! São paulino querendo **botar banca** em cima do Corinthians e do Palmeiras?* (GN-1)

Neste contexto de comunicação, a expressão com verbo-suporte supre uma lacuna no léxico da língua, pois não caberia um verbo, neste registro de fala, que pudesse substituir a construção *botar banca*. Estas construções com verbo-suporte expressam ideias com maior precisão, o que leva o falante a preferir essas construções às livres.

Expressões como verbo-suporte surgem na língua para alcançarem determinadas adequações comunicativas que outras expressões não dariam conta de representar. De acordo com Neves (2000), os usos dessas construções permitem obter-se maior adequação comunicativa de várias formas:

- a) adequação de registro, pois as construções com verbo-suporte podem ser mais adequadas à fala coloquial;
- b) uma construção com verbo-suporte também pode ser mais adequada para representar termos científicos ou técnicos

2.1.1. Verbo-suporte e o fenômeno da variação

A língua é um sistema dinâmico que muda de acordo com as necessidades comunicativas de seus falantes. Cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e agente modificador de sua língua; sendo assim, é possível afirmar que é projetada na língua a cultura de um povo, cultura essa compreendida em seu sentido mais amplo. A língua serve como uma ponte que realiza a ligação entre a sociedade e a cultura, criando assim uma relação de interdependência, já que uma depende da outra.

A mobilidade do léxico é tratada por Martinet (1973:62) da seguinte forma:

Tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas, ou seja, a morfologia e o léxico; a ordem dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia. Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento. No léxico de uma língua, os falantes usam palavras da língua geral, palavras técnicas, antigas e novas. Estas, chamadas neologismos, são o reflexo de como a língua acompanha as inovações da sociedade.

Os fatores externos à língua são importantes para compreender a formação de determinadas construções. Por exemplo, a construção *botar boneco* pode ter a acepção de “causar confusão”. Essa interpretação só é possível se levarmos em consideração o contexto sociocultural. De acordo com algumas fontes populares (Dicionário do Cearense), a expressão origina-se dos bonequeiros do Cariri (região do interior do Ceará), como eram chamadas as pessoas que trabalhavam com teatro de fantoches (mamulengos). As peças sempre apresentavam bonecos valentes que brigavam muito. Daí a explicação para o sentido de a construção *botar boneco*: *criar caso, causar confusão*. Por se tratar de uma expressão originária do interior do Ceará, criada para fazer relação a um evento cultural da região, falantes de outras áreas geográficas não identificam essa construção como um item lexical, isto é, uma unidade significativa, conforme é possível observar no exemplo abaixo:

2) *Mário está botando boneco para tomar o remédio.* (GN-2)

Observamos, na frase acima, que o significado da expressão “botando boneco” não é previsível a partir dos seus constituintes. Podemos afirmar, de acordo com Araújo (2010), que se trata de um regionalismo, ou seja, é um termo usado com maior frequência pelos cearenses com o sentido de “colocar dificuldades, opor-se a fazer algo”. Nesse caso, a apreensão do sentido da construção não é obtida item por item. O significado dessa expressão se encontra pronto, ou seja, o falante/ouvinte tem pronta na memória uma expressão como “botar boneco” como uma unidade significativa e tem também memorizadas no léxico as palavras que a compõem. Quando o falante/ouvinte usa a expressão, o significado do grupo é evocado automaticamente não a partir da computação de cada morfema, mas a partir do significado da construção já retido na memória.

Com a fluidez e o dinamismo da língua, relacionadas à criatividade dos falantes frente às pressões comunicativas, as expressões linguísticas são

criadas. Sempre que temos uma nova criação, uma nova acepção, um caso de uma forma linguística que tinha um significado determinado e passa a ter outro, cria-se um novo item que vai compor léxico e a gramática da língua.

Diversos podem ser os mecanismos de criação linguística que servem a essa dinamicidade, como por exemplo: composição e derivação a partir de formas lexicais e gramaticais já existentes na língua; empréstimos de outras línguas. Há, também, a formação de unidades complexas que cumprem o mesmo objetivo de outros itens lexicais, isto é, remetem ao ambiente biossocial extralinguístico e satisfazem à necessidade comunicativa de seus falantes.

As palavras de uma língua não levam vida isolada, mas tendem a relacionar-se entre si, combinando-se. O cérebro, obedecendo ao princípio da economia linguística, acha vantagem em que as palavras ocorram em grupo, para as suas necessidades de expressão. Esse é um preceito básico das línguas humanas e uma tendência mecânica, onde se renuncia à análise em prol do uso de grupos de signos tomados em bloco. O termo *lexia*, que foi utilizado por POTTIER (1972; 1978), destaca o caráter lexical que a expressão assume uma vez que seus elementos estiverem fixados. As *lexias* são, portanto, unidades lexicais complexas que o falante não constrói no momento da fala, mas tira do conjunto da sua memória lexical, assim como faz com as unidades simples. Os itens lexicais que formam tais unidades encontram-se em processo de fixação e permanecerão na língua como uma unidade na língua graças à sua reprodutibilidade em bloco por parte dos falantes até ocorrer a sua convencionalização, o que provará que a combinação foi legitimada pelo uso.

Mas essa fixação não é absoluta, pois poderá haver variação flexional, sintática e semântica. Isso ocorrerá segundo um *continuum* que vai desde a solidariedade lexical, em que itens são repetidos juntos, mas cujo significado é facilmente dedutível do significado de suas partes, até o outro extremo em que a opacidade é total. As construções com verbo-suporte encontram-se entre esses dois extremos, podendo, ainda, dentro dessa mesma categoria, haver casos fluidez, ou seja, construções que se encontram ora mais próximas das construções livres ora mais próximas das expressões cristalizadas.

2.1.2. Pressupostos Teóricos Funcionalistas

As vertentes funcionalistas compartilham a ideia de que a língua é um instrumento de comunicação que, como tal, não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar a sua estrutura gramatical. De acordo com essa abordagem, a língua é usada para satisfazer as necessidades comunicativas e cognitivas de seus falantes.

A análise funcionalista ultrapassa as fronteiras de um estudo baseado estritamente na forma e observa como determinada estrutura se comporta no momento da interação comunicativa. A língua, nessa perspectiva funcional, é concebida, primordialmente, como atividade sócio-interativa situada e não como um objeto autônomo, cuja análise da estrutura é desvinculada de seu uso em situações comunicativas.

Importa aos estudiosos a análise das frases “reais”, a saber, efetivamente realizadas, cuja interpretação vem em socorro o contexto, quer verbal, quer não verbal. É no enunciado realizado na situação comunicativa que se podem verificar as regularidades de que se deve ocupar a análise. A frase é uma unidade linguística que deve ser estudada não só internamente (isto é, levando-se em conta seus aspectos fonológico, morfológico e sintático), como também “externamente”, a saber, correlativamente ao contexto comunicativo.

Para a linguística funcional, a gramática é vista como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas, acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes e, desse modo, acabam por serem incorporadas à gramática de uma língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato.

Assim, para os funcionalistas, a língua não pode ser considerada totalmente independente de seus fatores externos, pois a gramática de uma língua é dinâmica e flexível. Sobre esse aspecto, lemos em Martelotta *et al* (1996):

[...] tomada sincronicamente, a gramática de qualquer língua exige, simultaneamente, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos. Por alguma razão, certos padrões novos se estabilizam, o que resulta numa reformulação da gramática. (p.11)

Nesse contexto, a gramática é, como propõe Du Bois (1985), um “sistema adaptativo”, ou seja, parcialmente autônomo – por ser um sistema – e, ao mesmo tempo, parcialmente suscetível a pressões externas – portanto, adaptativa. Nessa mesma linha, a gramática é caracterizada como “estrutura maleável” (BOLINGER, 1977) e “gramática emergente” (HOPPER, 1987). Para Hopper (1987), a expressão “gramática emergente” deve-se ao fato de que ou não existe gramática, ou esta é sempre emergente, porém nunca presente. Vemos, pois, que a gramática é assim compreendida como o sistema constituído por regularidades decorrentes de pressões de uso, pressões essas que se relacionam aos propósitos comunicativos do falante, considerando as suas necessidades cognitivas e/ou interacionais.

2.1.2.1. Competência comunicativa

Uma abordagem funcionalista de uma língua natural verifica como se obtém a comunicação com essa língua, ou como os usuários dessa língua dela se utilizam para se comunicar entre si de maneira eficiente. O que se põe sob análise, portanto, é a chamada competência comunicativa. DIK (1989) diz que, quando se adota um ponto de vista funcionalista para o estudo de uma língua natural, tenta-se verificar como “opera” o usuário desta língua. O linguista compreende que o homem é muito mais que um animal linguístico e que, no processo comunicativo, estão envolvidas muitas funções humanas “mais elevadas” do que simplesmente a função linguística.

A competência comunicativa é definida, de acordo com a corrente funcionalista, como o conhecimento que o indivíduo, falante de uma língua natural, necessita possuir sobre como usar as formas linguísticas adequadamente, além de sua habilidade de se valer da linguagem como meio de interação social. É graças a essa competência comunicativa que o usuário

da língua será capaz de identificar uma escolha linguística que melhor atenda à situação comunicativa.

Ao considerar a competência comunicativa, e não apenas linguística, dos usuários da língua, uma gramática funcional procura investigar as relações entre as expressões linguísticas e diversas capacidades. A capacidade linguística seria apenas uma das muitas capacidades que o ser humano utiliza em diferentes situações comunicativas. Assim, há vários tipos de capacidades envolvidas no uso da linguagem:

- capacidade epistêmica, pela qual o usuário é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado;
- capacidade lógica, pela qual o usuário, com o conhecimento acumulado, pode compor outras parcelas de conhecimento por meio de regras de raciocínio lógico (dedutivo e probabilístico);
- capacidade perceptual, pela qual o usuário pode perceber seu ambiente e usar essa percepção para compor e interpretar expressões linguísticas;
- capacidade social, pela qual o usuário determina “como” deve dizer adequando socialmente seu discurso para atingir seus objetivos comunicativos, determina o uso da linguagem em conformidade com o interlocutor, a situação e os objetivos comunicativos.

2.1.2.2. Integração entre sintaxe, semântica e pragmática.

Uma teoria baseada apenas na descrição da estrutura linguística sem levar em consideração o seu contexto de produção não dá conta de uma análise produtiva dos fenômenos da língua; dessa forma, o paradigma funcionalista, por estudar a língua em uso e por utilizar como correlato psicológico a competência comunicativa, veio a contribuir para o estudo contextualizado da língua, ou seja, as estruturas linguísticas não são ignoradas, mas vistas como mediadoras das interações verbais. O funcionalismo leva em conta regras de ordem fonológica, morfológica, sintática e semântica, e as de ordem pragmática, que governam os padrões de interação verbal em que as expressões são usadas. Em suma, esse paradigma defende que, para estudar a língua de uma forma produtiva, a análise das expressões linguísticas não deve ser limitada a uma análise categorial de um

elemento ou a uma análise isolada de um determinado componente, mas, sim, deve levar em conta a função de cada elemento em relação a todo o sistema linguístico (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) e em relação ao seu contexto de uso (pragmática). Desse modo, o funcionalismo se preocupa com o estudo da utilização da língua em situação comunicativa, priorizando o componente pragmático, ao qual estariam interligados os componentes sintático e semântico.

Por assumir esses pressupostos teóricos, esta pesquisa se enquadra na perspectiva funcionalista da linguagem. Em consonância com a abordagem funcionalista, segundo Neves (2005), considera-se uma análise que observe a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. Para esse paradigma linguístico, o sistema não é autônomo, ele é sensível a pressões provenientes do uso, ou seja, a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico; essas funções externas contribuem para moldar a organização interna do sistema linguístico. Este deve ser estudado dentro do quadro de regras, princípios e estratégias que governam seu uso comunicativo natural. A língua, nessa perspectiva, é ainda considerada um sistema de escolhas: dentro do sistema linguístico, o falante tem a liberdade organizacional, ou seja, o falante processa estruturas regulares, mas é ele quem faz as escolhas que levam a efeitos de sentido e a efeitos pragmáticos. Por exemplo, se há dois elementos em uso, não se pode considerar que haja duas estruturas de mesmo valor, já que essas duas opções, de que o falante dispõe, possuem funções diferentes. O falante, de maneira consciente ou não, faz suas escolhas a depender de sua intenção comunicativa. Assim, o que leva um falante à escolha por uma forma X ou Y deve-se, sobretudo, a determinadas propriedades discursivas que há em um contexto específico de comunicação. Conforme se afirmou a escolha que o falante faz entre um verbo pleno *botar* e uma construção com verbo-suporte *botar* + SN não é aleatória, mas dependerá do contexto comunicativo em que o falante está inserido.

2.2. Categorização e prototipia.

De acordo com Neves (2015), há uma propriedade e um processo sempre presentes na vida das línguas em função: a gradualidade e a gramaticalização. A primeira é resultante do caráter fluido das fronteiras entre as categorias (a diluição das fronteiras); a segunda refere-se à forte tendência de encaminhamento dos itens para funções (mais) gramaticais (a gramaticalização). Essas duas noções também são centrais nesse estudo. Por esse motivo, discute-se, a seguir, a noção de categorização para, em seguida, tratar-se do processo de gradiência ou fluidez categorial.

O estudo sobre a categorização não é algo recente, desde Platão já se verificava uma tentativa de agrupar entidades (objetos, ideias, ações, etc.) por semelhança. Discípulo de Platão, Aristóteles (2000), no tratado conhecido por *Categorias*, analisa a diferença entre classes e objetos, aprofundando e sistematizando o esquema de classificação proposto por Platão. Nesse enfoque, as categorias eram constituídas baseando-se na ausência ou presença de determinada propriedade, ou seja, as categorias eram consideradas distintas e absolutas. Desse modo, as classes gramaticais seriam discretas e dotadas de propriedades inerentes, sendo seus limites precisos; visão adotada ainda nas análises da gramatical tradicional.

Por exemplo, a descrição das formas nominais na gramática tradicional é problemática, pois essas formas apresentam traços de mais de uma classe. Por isso, Macambira (2001) as inclui entre o que ele chama de *categorias duplas* e explica que se tratam de formas que apresentam comportamento duplo. O autor descreve o infinitivo como uma categoria que pode ser simultaneamente verbo e substantivo; o particípio, como simultaneamente verbo e adjetivo; e o gerúndio, como simultaneamente verbo e advérbio. No enunciado abaixo, a palavra *revelada*, embora apresente características da classe dos adjetivos (concordância de gênero com o substantivo, função atributiva), é classificada como particípio do verbo *revelar*, sendo assim uma palavra que “participa” de ambas as classes.

3) *A mulher, que não teve a identidade **revelada**, jogou gás nos corredores de um supermercado.* (GN-3)

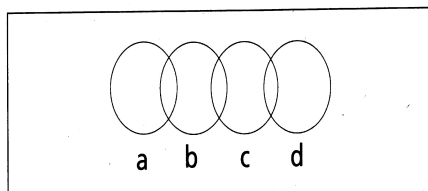
A rígida perspectiva platônica, assim como a gramática tradicional, coloca todos os membros de cada uma das categorias distribuídos num único ponto categorial, desconsiderando a possibilidade de uma zona de transição entre as diferentes categorias, por isso pode soar estranho para os usuários da língua, em geral, compreender o comportamento das formas nominais, já que a gramática tradicional mantém uma visão rígida e categórica acerca das classes de palavras.

No século XX, surgem os estudos do filósofo Wittgenstein. Baseado numa nova concepção de língua, e defendendo que “a utilização da palavra é seu uso na linguagem”, Wittgenstein (1989, p. 28) parte do princípio de que não haveria uma propriedade exclusiva que fosse compartilhada por todos os membros de uma categoria. Os elementos apresentariam características afins e, a partir dessas afinidades, e, por estarem envolvidos em uma rede de sentidos, seriam reunidos, abandonando-se a ideia de encarar o ato de categorizar como uma relação direta. De acordo com essa concepção, as classes gramaticais têm limites imprecisos, comportando itens em diferentes graus de integração e admitindo, ao contrário da visão platônica, muitas relações entre os membros de categorias diferentes.

O reconhecimento da indeterminação categorial permite verificar que um mesmo elemento pode ser identificado em diferentes usos, conduzindo a uma visão efetivamente dinâmica da língua, rejeitando a denominação de categorias discretas. Nesta perspectiva, haveria uma relação de semelhança que Wittgenstein (*apud* LAKOFF, 1987) denomina de “semelhanças de famílias” . Nesta perspectiva, os membros são vistos como protótipos pela medida em que apresentam semelhanças de família com outros membros da categoria. Quanto maior a semelhança entre os membros de uma mesma categoria e menor semelhança de família com membros de outras categorias, maior a prototipicidade.

Brito (1999) apresenta o seguinte diagrama para demonstrar a visão wittgensteiniana:

Figura 1:



Retomando o exemplo (3), poder-se-ia enquadrar a classe verbal em *a*, a classe dos adjetivos em *b* e o particípio poderia se enquadrar na zona de intercessão entre *a* e *b*. Desse modo, demonstrando que as classes gramaticais têm limites imprecisos, sendo possível, como o diagrama demonstra, muitas relações entre membros de categorias diferentes.

Depois de Wittgenstein, vários outros trabalhos experimentais sobre categorização, como os de Berlin & Kay (1969) e Labov (1973), citados por Taylor (1992), reforçaram a ideia de categorias não discretas. Labov (1973), por exemplo, na busca de compreender a categorização e o reconhecimento de entidades como membros de determinadas categorias, concluiu experimentalmente que os atributos com que as entidades eram classificadas não eram variáveis binárias, mas contínuas.

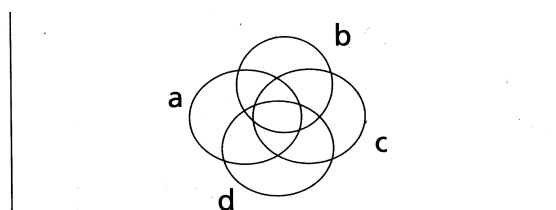
A sistematização desta noção de categorias não discretas veio com os estudos empíricos de Rosch (1973, 1975), que originariamente propôs e desenvolveu a chamada Teoria dos Protótipos. Para Rosch (1973), as categorias são grupos de objetos do mundo relacionados por causa das semelhanças que mantêm entre si, organizados ao redor do membro que é o mais representativo de todos, o protótipo, definido, assim, como o exemplar que melhor se conhece, o mais representativo e distintivo de uma categoria, porque compartilha mais traços com os demais membros da categoria e menos traços com membros de outras categorias. Os membros periféricos marcariam o espaço gradual entre uma categoria e outra.

Muitos autores, ao incorporarem, em suas análises, o conceito de prototipia passam a entender que categorizar uma entidade não é uma questão de saber se ela possui um determinado atributo ou não, mas de considerar o

quanto as dimensões da entidade em questão se aproximam das dimensões ideais para ela. Conforme propõe o modelo de categorização prototípica, algumas entidades compartilham muitos atributos comuns, constituindo-se nos protótipos de sua categoria; outras compartilham apenas alguns atributos, integrando-se como elementos marginais na classe considerada. No quadro da prototipia admite-se que a integração de uma entidade em uma categoria é muitas vezes uma questão de grau: estabelece-se, entre as entidades, um contínuo de limites imprecisos. Trabalhando-se com o modelo de protótipos, a expectativa é a de que, distribuídos em um *continuum*, diversos membros possam ser agrupados dentro de uma mesma categoria.

Givón (1984) defende que, na teoria dos protótipos, as categorias se formam pela interseção de uma ou várias propriedades típicas, que tendem a coincidir, ainda que tal coincidência não seja estritamente necessária. Esquematizando:

Figura 2



De acordo com essa abordagem, alguns membros de uma categoria compartilham todos os traços ou propriedades dessa categoria e seriam, portanto, seus protótipos; outros, diferentemente, compartilham apenas alguns traços, afastando-se da prototipicidade.

No tocante ao fenômeno estudado nesta pesquisa, defende-se que, entre as construções livres e as expressões cristalizadas, encaixam-se as construções com verbo-suporte e que, dentro desta categoria, encontram-se construções com graus variados de prototipia: de modo que pode haver construções com verbo-suporte mais próximas das construções livres, assim como podem ocorrer, no outro extremo, construções mais próximas das construções cristalizadas, conforme se discutirá adiante, nos capítulos 5 e 6.

2.3. O FENÔMENO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Não se pode asseverar que os verbos-suporte estão sujeitos à mudança da mesma forma que os auxiliares estão, isto é, que há um *cline* de gramaticalização cuja etapa seguinte seja um auxiliar. No entanto, considerando-se a gramaticalização em uma perspectiva mais ampla, pode-se afirmar que esses verbos perdem alguns de suas propriedades sintático-semânticas, tornando-se sua significação genérica, passando a servir de “suporte” verbal ao autêntico predicado: nome. Sendo assim, acredita-se que, por o verbo-suporte tornar-se semanticamente desbotado, limitando-se a funções gramaticais, esse processo de “perda” semântica pode indicar que se trate de um processo de gramaticalização.

Os verbos-suporte mantêm semelhanças sintático-semânticas com o verbo pleno e pode-se afirmar que estes verbos formam-se a partir de uma expansão semântica do seu principal, tornando-se mais gramatical, porém mantendo semelhanças com a forma plena. Em termos de *cline* de gramaticalização, essa afirmação se esquematiza da seguinte forma:

Verbo principal > auxiliar > clítico > afixos

|

Verbo-suporte

Notemos que o verbo principal ou pleno pode dar origem a elementos sintáticos distintos, ou seja, o verbo pleno, a depender do contexto sintático, pode desempenhar a função de suporte; neste caso, não há como comprovar que os verbos-suporte levem ao desenvolvimento de categorias funcionais, mas, sim, que ocorre um uso “mais gramatical” de um determinado verbo que têm alta frequência e acepções variadas, comportam-se como uma espécie de “guarda-chuva”, abrigando um leque de sentidos com funções diversas. Para descrevermos o verbo-suporte como um uso mais gramatical de um verbo pleno, escolheu-se a teoria sobre gramaticalização.

2.3.1. Processos gramaticais

Conforme comentamos, para a linguística funcional, a gramática é vista como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas, acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes e, desse modo, acabam por ser incorporadas à gramática da língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato. A gramática é assim compreendida como o sistema constituído por regularidades decorrentes de pressões de uso, pressões essas que se relacionam aos propósitos comunicativos do falante, considerando as suas necessidades cognitivas e/ou interacionais. Desse modo, a gramaticalização, conforme afirma Neves (2006), é um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo linguístico, pois reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se explica pela interação entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele.

Os estudos de gramaticalização podem ser classificados segundo o tipo de trabalho ou método adotado para análise do fenômeno. Desse modo, os linguistas podem decidir entre duas perspectivas: diacrônica, se a preocupação do estudo estiver voltada para a explicação de como as formas gramaticais surgem e desenvolvem-se na língua; ou sincrônica, se a preocupação estiver voltada para a identificação de graus de gramaticalidade que uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela atribuídos pelos padrões de uso da língua. Há, contudo, a possibilidade de se casarem essas duas perspectivas no que se convencionou chamar de *pancronicia*, perspectiva esta adotada em nossa pesquisa.

Neste trabalho, visamos à identificação do processo da mudança categorial do item *botar*. Nessa perspectiva, o fenômeno da gramaticalização

consiste num processo de transferência de itens lexicais à categoria gramatical ou de itens menos gramaticais a mais gramaticais, envolvendo, assim, uma nova categorização de itens linguísticos, conforme iremos observar adiante.

2.3.2. Os precursores da gramaticalização

A preocupação entre os linguistas em observar o processo pelo qual itens passam de uma categoria a outra não é recente, apesar de os estudos sobre a gramaticalização ganharem, sobretudo a partir da década de 70, grande interesse na teoria e análise linguística.

Meillet foi o primeiro estudioso a utilizar o termo *gramaticalização*. O autor definiu esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (MEILLET, 1912/1948, *apud* NEVES, 2004, p. 113). Para o autor, é propriedade da gramaticalização a criação de novas formas, geradoras de categorias que causam uma reorganização do sistema. Além disso, Meillet associa gramaticalização a dois processos: analogia (processo pelo qual um novo modelo torna-se semelhante a um modelo já estabelecido) e reanálise (atribuição de caráter gramatical a uma palavra independente). Diante dessa concepção de Meillet, já podemos verificar, embora implicitamente, a concepção de gramaticalização enquanto mudança que não só prevê a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra autônoma, ou principal, como também a atribuição de um caráter mais gramatical a uma palavra já gramatical, ou seja, o trânsito das palavras acessórias ao estatuto das gramaticais.

Aproximadamente 50 anos depois de Meillet, Kurylowicz (1965/1975, *apud* CAMPBELL; JANDA, 2001) retoma o rótulo *gramaticalização* para se referir a um processo onde um morfema avança de um *status* lexical para gramatical e de menos gramatical para mais gramatical.

Em 1982, Christian Lehmann explicitou a definição de Meillet. De acordo com Lehmann, diacronicamente, gramaticalização é um processo em que lexemas gramaticais se tornam ainda mais gramaticais. O autor considera a gradualidade como sendo característica da mudança e afirma que processos

semânticos, sintáticos e fonológicos interagem na gramaticalização de um morfema e de construções.

Após os anos 90, a gramaticalização passou a ser mais amplamente estudada por diversos linguistas. De acordo com Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), o processo de gramaticalização pode ser observável em todas as línguas e pode envolver qualquer tipo de função gramatical. Segundo esses autores, a gramaticalização ocorreria devido às necessidades de comunicação não satisfeitas pelas formas existentes no sistema linguístico e à existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas.

Em um estudo célebre, Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como processo pelo qual itens e construções lexicais, em certos contextos linguísticos, desempenham determinadas funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções. Segundo esses autores, a gramaticalização pode ser estudada sob o aspecto histórico, ou seja, com a investigação das fontes de formas gramaticais e os percursos típicos das mudanças que as afetam. A outra perspectiva é sincrônica, que lida com a gramaticalização fundamentalmente num recorte temporal. Nesse trabalho, os autores inovam ao tratar da gramaticalização dos processos de combinação de orações.

Um dos estudos mais recentes e polêmicos sobre gramaticalização é o de Castilho (2006), em cujos pressupostos teóricos está a ideia de que a língua é um componente pré-verbal, composto por uma espécie de multissistema. Essa é a razão por que ele admite que gramaticalização é apenas um dos processos constitutivos da língua e pode coocorrer com três outros principais processos que têm implicação direta no sistema linguístico; são eles: a lexicalização, a semanticização e a discursivização. Esses conjuntos de subsistemas passariam a ser reconhecidos como processos de criatividade linguística, orientados pelos princípios de ativação (remete a estratégias de projeção pragmática), de reativação (remete a estratégias de retomadas de traços) e o de desativação (remete a estratégias de silenciamento). A derivação entre os subsistemas é rejeitada veementemente.

2.3.3. Princípios de gramaticalização

Alguns autores tentam distinguir os princípios ou mecanismos que levam um item a se gramaticalizar. Entre os autores destacados em nosso trabalho, encontram-se Hopper (1991), que se ateve principalmente aos mecanismos subjacentes ao início do processo de gramaticalização, e Heine *et alii* (1984), que foram os primeiros a tentar estabelecer princípios cognitivos gerais do processo de gramaticalização para todas as línguas humanas. Consideramos ainda a proposta de Bybee (2003, p. 603), que reconhece o papel crucial da repetição no fenômeno da gramaticalização e caracteriza-o como “um processo pelo qual sequências de palavras ou morfemas frequentemente usados se tornam automáticos como uma única unidade de processamento”, conforme veremos adiante.

2.3.3.1. A proposta de Hopper

Hopper (1987; 1991; 1996) propõe que o termo *gramaticalização* seja usado como sinônimo de “gramática”; isso porque, segundo ele, não existe uma gramática sincrônica estável, pois, de acordo com o autor, todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. Nessa direção, o autor entende a gramaticalização como o processo por meio do qual formas lexicais são pressionadas a servir como formas gramaticais.

Hopper (1991) procurou estudar os estágios iniciais de gramaticalização, ao contrário de Lehmann (1995), que se ateve a princípios de gramaticalização em estágios mais tardios.

Diante disso, Hopper (1991) sugere alguns princípios suplementares àqueles fornecidos por Lehmann, uma vez que apontam características da gramaticalização não somente em estágios mais tardios, facilmente identificáveis, mas também em estágios incipientes do processo, nos quais o fenômeno ocorre de modo variável, dificultando a caracterização da mudança como sendo, de fato, gramaticalização. Embora os princípios apresentados por Hopper (1991) não sejam postulados inéditos dentro do âmbito de estudos que envolvem a natureza e o curso da mudança linguística, assumem uma

relevância especial no contexto da gramaticalização, uma vez que são potencialmente diagnósticos da emergência de formas e construções gramaticais e também dos diferentes graus da gramaticalização, sinalizando de onde ela reconhecidamente possa ter procedido, ainda que em estágios iniciais. Vejamos a descrição desses princípios:

1. Estratificação: novas “camadas” estão sempre emergindo e coexistindo com as mais antigas. Conseqüentemente, observa-se a coexistência de formas novas e antigas em um mesmo domínio funcional, podendo correlacionar-se a itens particulares e/ou a registros sociolinguísticos. A diferença entre os itens envolvidos é tênue, o que lhes permite servir, inclusive, como variantes estilísticas (no sentido mais amplo do termo).

2. Divergência: a forma original coexiste como elemento autônomo ao lado da forma gramaticalizada (como afixo ou clítico). O item lexical sofre as mesmas mudanças de um item lexical comum. As formas divergem funcionalmente, mas o par de múltiplas formas, resultantes desse princípio, tem uma etimologia comum. Este princípio explica a existência de formas com origem comum, porém desempenhando funções diferentes.

3. Especialização: dentro de um domínio funcional, é possível a existência de uma variedade de formas, apresentando diferentes nuances semânticas. Com o desenvolvimento do processo de gramaticalização, há um estreitamento de opções para se codificar uma determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, porque se encontra mais gramaticalizada e, por isso, com significados mais gerais. Um indício bastante claro da especialização é o aumento da frequência de uso da forma em questão.

4. Persistência: há, tanto quanto seja gramaticalmente viável, uma manutenção de traços da forma fonte lexical e original na forma gramaticalizada, o que pode denunciar detalhes da história lexical nas próprias restrições sintáticas dessa forma gramaticalizada. Isso quer dizer que, mesmo depois de ser gramaticalizado, o item ainda traz sinais da sua origem no modo de organizar-se na estrutura da sentença e de significado do termo.

5. Descategorização: há perda dos marcadores opcionais de categorialidade e de autonomia discursiva. Assim, a forma em gramaticalização tende a perder ou mesmo neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos, responsáveis pela caracterização das formas plenas, passando a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, podendo, em alguns casos, chegar a zero.

2.3.3.2. A proposta de Heine *et alii* (1991)

De acordo com Heine *et alii* (1991, p. 29), o fenômeno da gramaticalização consiste num processo de transferência de itens lexicais à categoria gramatical ou de itens menos gramaticais a gramaticais, envolvendo, assim, uma nova categorização de itens linguísticos. Isso ocorre devido a motivações, ou seja, às necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes. Logo, o que motiva os novos usos e funções de formas linguísticas é a comunicação.

O surgimento de categorias (mais) gramaticais é unidirecional (parâmetro da unidirecionalidade), ou seja, somente é possível a transformação de itens menos gramaticais em itens mais gramaticais, mas o contrário não ocorre. Desse modo, as formas linguísticas de sentido mais concreto/lexical (facilmente acessíveis e delineáveis) passam a expressar conceitos mais abstratos/gramaticais e não *vice-versa*. Dessa forma, entende-se que as unidades linguísticas partem do sentido mais concreto (lexical) a mais abstrato (gramatical) no *continuum*.

Heine *et alii* (1991) comentam a frase de Givón sobre o fenômeno da gramaticalização, o qual se estabelece sob a hipótese de que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. A partir dessa frase, formulou-se a sentença “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” devido ao fato de estruturas

discursivas se constituírem em estruturas sintáticas fechadas, conforme o esquema proposto por Givón:

(discurso > sintaxe > morfologia > morfofonema > zero)

A fim de prover mais detalhes sobre o processo de gramaticalização, Heine *et alii* (1991, p.29) citam três aspectos básicos de sua ocorrência, que podem diferenciá-lo de outros fenômenos semelhantes:

1. [...] os conceitos de formação e de designação de vocábulos são diferentes, no processo de gramaticalização o primeiro precede o segundo; 2. (...) o uso de um dado termo linguístico para um conceito novo envolve um processo de transferência conceptual pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente equiparados e o termo usado para um deles, denominado conceito fonte, é estendido para se referir a outro, denominado conceito alvo; 3. (...) o processo de transferência conceptual caracteriza-se por ser um ato criativo.¹

A transferência conceptual, à qual os autores se referem na citação, promove a interação entre dois domínios envolvidos, em geral um domínio fonte (concreto, tipicamente lexical) e um domínio alvo (abstrato, gramatical). Os autores denominam *criatividade* a capacidade de realizar essas transições, de caráter unidirecional. Para eles, a criatividade requer que os falantes adotem contextos e conceitos de uma forma que seja compreensível e adotada pela comunidade de fala.

Heine (1993) assume a existência de quatro parâmetros de gramaticalização envolvidos na inter-relação da expressão linguística, esses parâmetros são discutidos a seguir.

A *dessemantização* ou *desbotamento* semântico corresponde a uma perda ou redução semântica do item linguístico. O uso de determinado item linguístico “X” em um contexto “Y” implica que “X” perde parte de seu sentido original, ou seja, aquela que é incompatível com “Y”. É resultado do uso de formas com significado concreto que são reinterpretadas em contextos

¹ 1. (...) concept formation and naming are two different things and that in the process grammaticalization the former precedes the latter. (...) 2. (...) the use of a given linguistic term for a new concept involves a process whereby two different concepts are metaphorically equated and that the term used for one of them is extended also to refer to the other; 3. (...) conceptual transfer is a creative act. (HEINE *et alii*, 1991 p.29)

específicos com sentidos gramaticais mais abstratos. A *dessemantização* é frequentemente estimulada por processos metafóricos. O item linguístico que sofre esse processo pode apresentar perda de uma de suas funções.

A *extensão* representa um ganho da pragmática. O elemento linguístico ganha propriedades características dos seus usos em novos contextos, mantendo reflexos do sentido original. Admite-se, nesse parâmetro, que a extensão ocorre quando um item lexical passa a ser usado em contextos ainda não utilizados anteriormente por ele. Por isso se diz que a mudança muitas vezes começa em novos contextos.

A *decatégorização* constitui uma perda morfossintática das propriedades características da forma fonte (original), incluindo a perda do *status* de independência do item da língua. Algumas propriedades importantes estão associadas à gramaticalização, como a perda da possibilidade de se flexionar e de sofrer morfologia derivacional, o prejuízo na impossibilidade de receber modificadores (como adjuntos), ausência da possibilidade de independência típica de forma autônoma e aumento de dependência em relação a outras formas, perda da liberdade sintática, ou seja, da possibilidade de se mover pela sentença, típica de elementos não gramaticalizados, como substantivos, a perda da possibilidade de sofrer referência anafórica, além da extinção de membros pertencentes ao mesmo paradigma gramatical.

A *erosão*, também chamada de *redução fonética*, compreende uma perda da substância fonética, o que faz com que o elemento linguístico se torne mais frequente em seu uso em mais contextos.

Heine *et alii* (1991) desenvolvem também o conceito de Cadeias de Gramaticalização, capaz de refletir ou reconstruir o processo que transforma significados mais concretos em mais abstratos. Esse conceito passa a ser usado em lugar de *continuum*. Isso ocorre porque, segundo os autores, na transição da categoria lexical para a gramatical há sempre algum tipo de sobreposição de ambas as estruturas envolvidas, sugerindo um processo de encadeamento.

Assim, entre dois extremos, há inúmeros estágios intermediários, e a transmissão de um para outro ocorre de maneira gradual, havendo sempre aquele em que a estrutura precedente e a seguinte coexistem como variantes funcionais.

Podemos resumir as características das cadeias de gramaticalização a partir da representação abaixo e também a partir das propriedades formais que seguem:

$A > (AB) > B \quad \dots \quad Y > (YZ) > Z$

(i) As cadeias de gramaticalização representam pontos extremos do processo que se diferem uns dos outros em seu grau relativo de gramaticalização, em que Z corresponde a uma forma gramaticalizada de A.

(ii) Qualquer sentido ao longo desta cadeia pode ser definido com referência a esses pontos extremos, o que significa que, quanto mais próximo o sentido está de A, menos gramaticalizado ele é.

(iii) Os diferentes sentidos ao longo de uma cadeia também podem ser definidos a partir da relação de um com outro. Assim, um sentido à esquerda é menos gramaticalizado do que qualquer um a sua direita, e, quanto mais próximos estiverem dois sentidos, mais semelhantes em significado eles são e menos diferem seus relativos graus de gramaticalização.

(iv) Quanto mais distantes se encontrarem dois sentidos ao longo de uma cadeia, maiores são as chances de eles pertencerem a domínios cognitivos distintos. Assim, B pertence ao mesmo domínio cognitivo de A, mas a um domínio diferente de Y ou Z.

2.3.3.3. A proposta de Bybee

Bybee (2003) define gramaticalização como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical dentro de construções particulares, com conseqüente generalização de sentidos, o que coloca, por sua vez, a gramática no âmbito de constantes mudanças, sendo criada e perdida gradualmente ao longo de trajetórias previsíveis e universais. Neste

processo, chamado gramaticalização, uma construção usada com muita frequência torna-se automatizada como uma unidade de processamento individual que, em um segundo momento, assume uma função mais geral e abstrata.

Para a autora, a frequência tem um papel importante no processo de gramaticalização, pois, além de ser o resultado dela, é o fator primário que contribui para esse processo de mudança. A partir dessa perspectiva, leva-se em conta o aumento da frequência de uma construção/expressão e não simplesmente o fato de um item lexical isolado tornar-se mais gramatical. Nesse sentido, atribui-se à repetição um papel crucial nos processos de gramaticalização. Em suma, sobre a frequência, Bybee (2003, p. 604) afirma:

- (i) leva ao enfraquecimento da força semântica pelo hábito: com o hábito, o organismo para de responder o estímulo repetido da mesma forma;
- (ii) interfere na redução e na fusão fonológica com a repetição, condicionadas pelo uso da construção em sentenças contendo informação velha ou de fundo;
- (iii) condiciona uma autonomia maior para a construção, ou seja, seus componentes individuais perdem ou enfraquecem suas associações com outros usos dos mesmos itens;
- (iv) gera a perda de transparência semântica que, por sua vez, leva ao uso da construção em novos contextos, com novas associações, estabelecendo mudança semântica;
- (v) faz com que o sintagma frequente e autônomo passe a ser mais “entrincheirado” (*entrenched*) na língua, preservando características morfossintáticas antigas.²

Segundo Bybee, há dois tipos distintos de frequência ou dois métodos para controlá-la. O primeiro mede a frequência de ocorrência (*token frequency*)

² (i) Frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation – the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeat stimulus. (ii) Phonological changes of reduction and fusion of grammaticizing constructions are conditioned by their high frequency and their use in the portions of the utterance containing old or backgrounded information. (iii) Increased frequency conditions a greater autonomy for a construction, which means that the individual components of the constructions (...) weaken or lose their association with other instances of the same item (...). (iv) The loss of semantic transparency accompanying the rift between the components of the grammaticizing construction and their lexical congeners allows the use of the phrase in new contexts with new pragmatic associations leading to semantic change. (v) Autonomy of a frequent phrase makes it more entrenched in the language and often conditions the preservations of the otherwise obsolete morphosyntactic characteristics. (Bybee, 2003, p. 604)

e o segundo, a frequência de tipo (*type frequency*), que se refere a um tipo de estrutura ou padrão em particular.

Alguns pesquisadores têm enfatizado a questão de que a gramaticalização é fruto de um processo de automatização ao qual as sequências linguísticas estão sujeitas. Para Company (2003, p. 28), a frequência de uso é um fator primordial na geração de uma mudança, pois “fixa o uso, o rotiniza, outorga apoio paradigmático e cria estabilidade no sistema”. Aplicando tais fatores no processo de gramaticalização, Bybee (2003) observa que a frequência de uso leva ao enfraquecimento da força semântica (ou generalização) de uma forma pelo hábito: formas tornam-se mais gerais e mais abstratas no significado. Essa perda de transparência semântica leva ao emprego da construção em outros contextos com novas associações, estabelecendo mudança semântica.

De acordo com Bybee (2003), as construções gramaticais nascem por meio de repetições frequentes, e seus significados mudam através de processos de generalização e de inferências pragmáticas. Assim, as construções gramaticais podem ser caracterizadas como automatizadas, convencionalizadas. No entanto, seus significados e funções não são fixos e categóricos, ou seja, variam gradualmente com o tempo. Sendo assim, fator fundamental para o desenvolvimento das construções gramaticais é a língua em uso.

Síntese conclusiva

Apresentamos, neste capítulo, os pressupostos teóricos do Funcionalismo, bem como os pressupostos da Gramaticalização pertinentes à análise das construções com o verbo tomar. Diante do que foi exposto acerca do Funcionalismo linguístico, percebemos que essa corrente difere das abordagens formalistas, uma vez que concebe a linguagem como um instrumento de interação social, além de buscar, no contexto discursivo, a motivação para os fatos da língua. Embora as correntes formalistas se ocupem do mesmo objeto de estudo do funcionalismo - a língua, e possuam entre si

pontos convergentes, apresentam divergências quanto à forma de abordagem dos referidos fenômenos, o que implica no uso de metodologias distintas no estudo dos fenômenos linguísticos. A principal diferença é que para o funcionalismo a língua é analisada no uso, nas situações comunicativas e como função que desempenha na frase, e não como estrutura estável e pressuposta e muito menos como aquisição inata, já que para os funcionalistas aprendemos o sistema linguístico subjacente ao uso. Entendemos que a perspectiva funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação, e como tal, “deve ser analisada como uma estrutura maleável sujeita às pressões oriundas das diferentes situações comunicativas que ajudam a determinar sua estrutura” (MARTELOTTA e AREAS, 2003, p. 20).

Sobre os pressupostos do funcionalismo, destacamos que a estrutura linguística não pode ser descrita satisfatoriamente sem a consideração do evento comunicativo, uma vez que é a partir do uso e interação social que as estruturas da língua emergem. Por considerá-la um conjunto de atividades comunicativas e sociais, essa vertente teórica permite a investigação de aspectos interacionais envolvidos nos fenômenos linguísticos. A situação comunicativa e a interação social, em situações reais de uso, determinam, pressionam e explicam a estrutura gramatical.

Como exposto, a concepção de gramática defendida pelos funcionalistas está amparada numa visão de linguagem como instrumento de interação social e, por consequência, na concepção de que a língua é um sistema cuja estrutura é maleável (emergente) e dinâmica (heterogênea), e que esse sistema é autônomo e motivado por pressões externas. Em virtude dessa condição de gramática em construção, além da denominação atribuída por Hopper (1987) de “gramática emergente”, surge um novo conceito relacionado à noção processual de gramática – o de gramaticalização. Trata-se de um fenômeno associado ao processo de mudança por que passam os elementos linguísticos, de modo que novas formas ou combinações sintáticas são criadas e passam a conviver ao lado daquelas já existentes, sem que necessariamente estas caiam em desuso, pondo em relevo o caráter polissêmico da língua. Mostramos, nesse capítulo, os mecanismos envolvidos no processo de

gramaticalização, bem como as discussões sobre o caráter gradual, unidirecional e contínuo desse processo de mudança linguística.

3. METODOLOGIA

3.1. A eleição dos *corpora*

Como se trata de um trabalho de base funcionalista e que, portanto, prioriza a investigação da linguagem em uso, é necessário que os dados que comporão os *corpora* sejam efetivamente reais. Para a análise de predicções com o verbo *botar* consideramos os dados coletados no *Corpus do Português*³. O *corpus* utilizado é constituído de textos produzidos na modalidade escrita e oral das variedades brasileira e portuguesa, contempla a variedade de gêneros: notícia, acadêmico e ficção. O *corpus* conta ainda com um vasto banco de dados, ao todo, 45 milhões de palavras, dos séculos XIV ao XX nas variedades brasileira e portuguesa, oral e escrita. Utilizaremos em nosso trabalho dados históricos e dados contemporâneos do português brasileiro e europeu, selecionando, para o nosso estudo, os séculos XVI ao XX presentes no *Corpus do Português*.

A escolha dos textos a serem analisados foi guiada pela preocupação de tomar um conjunto que, de forma mais ampla possível, representasse a língua portuguesa do Brasil. Por isso, optou-se primeiramente pelo banco de dados do Laboratório de Lexicografia da UNESP de Araraquara, que possui mais de 200 milhões de ocorrências em textos escritos diversificados por diferentes literaturas. O *corpus* disponível no Laboratório de Lexicografia é composto por textos escritos provenientes de diferentes tipos textuais e de sincronias distintas, embora grande parte seja representativa do português contemporâneo. Neste estudo, analisam-se apenas os textos do período compreendido entre 1950 e 2000, que compõem o arquivo CP2 (corpus principal 2). São obras diversificadas pelos tipos dramático, oratório, de propaganda, técnico, romanesco, jornalística (que inclui correspondências publicadas e crônicas).

Dada a natureza do fenômeno em estudo, logo no início das atividades da pesquisa, ficou evidente que a investigação deveria incluir, também, textos de língua falada. Decidiu-se, então, analisar inquéritos do projeto NURC (Norma Urbana Culta), que abrange cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio

³*Corpus* disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador) e que configura a mais extensa documentação de língua falada do português brasileiro.

Recorreu-se ainda ao *corpus* NORPOFOR – *Norma do Português Popular Oral de Fortaleza*. Na constituição desse banco de dados, com a finalidade de deixar o informante o mais à vontade possível, de tal modo que a artificialidade da situação de pesquisa não interferisse nos resultados obtidos, o documentador deixou o informante falar espontaneamente sobre os temas de seu interesse e não o informa, em hipótese alguma, a respeito da finalidade linguística da documentação de seu falar. O NORPOFOR conta com inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Diálogos entre Dois Informantes (D2) e Elocuções Formais (EF). Os informantes deste *corpus* foram escolhidos com base na técnica de amostra aleatória. Foram sorteados setenta e cinco bairros de Fortaleza e, a partir destes, foram escolhidos os informantes da amostra final. Os informantes deveriam atender aos seguintes requisitos:

- a) ter pais cearenses, preferencialmente, fortalezenses;
- b) ser fortalezense nato ou morar nesta cidade desde os cinco anos de idade;
- c) nunca ter-se ausentado de Fortaleza por um período superior a dois anos.

Para a análise qualitativa, utilizamos inquéritos do NORPOFOR que fazem parte dos diálogos entre dois informantes (D2) e diálogos entre informante e documentador (DID), com o objetivo de verificar a frequência do verbo *botar* em contextos informais de comunicação.

Utilizou-se, ainda, para a constituição dos nossos *corpora*, o banco de dados do PORCUFORT- *Português Oral Culto de Fortaleza*. Esse banco foi organizado nos moldes do Projeto NURC – Norma Urbana Culta. O referido material consta de inquéritos, distribuídos em: a) 13 inquéritos de Diálogo entre Dois Informantes (D2); b) 30 inquéritos de Diálogo entre Informante e Documentador (DID); c) 19 inquéritos de Elocuções Formais (EF), com informantes fortalezenses, em sua maioria, ou cearenses que pouco ou nunca se afastaram de seu estado, de ambos os sexos, com formação superior, cujos pais são cearenses e, em sua maioria, fortalezenses. Os participantes foram distribuídos em três grupos, de acordo com a faixa etária:

- primeira faixa: de 25 a 39 anos;
- segunda faixa: de 40 a 50 anos;
- terceira faixa: de 50 a 70 anos ou mais.

Para a análise qualitativa, utilizamos inquéritos do PORCUFORT que fazem parte das elocuições formais (EF), com o objetivo de verificar a frequência do verbo *botar* em contextos onde há maior formalidade na comunicação.

Com o objetivo de verificar a produtividade das construções com verbo *botar* nas modalidades culta e popular, contrastamos o resultado da análise dos dados coletados na norma popular de Fortaleza com o resultado relativo à análise dos dados coletados na norma culta de Fortaleza.

Analizamos, ainda, a frequência das construções com verbo-suporte *botar* em notícias *online* e no banco de teses e dissertações da Capes para a investigação da produtividade das categorias funcionais em função dos discursos jornalísticos e acadêmico. As notícias e os trabalhos acadêmicos foram retirados da *internet* de forma aleatória, utilizando-se a ferramenta de busca por meio de páginas eletrônicas disponíveis no buscador *Google*.

3.2. Definição dos critérios de análise

Os tipos de construção foram analisados em relação a variáveis sintáticas, semânticas e pragmáticas relativas ao SN/SP, ao complemento da construção e ao tipo de predicado, além de variáveis gerais, referentes ao contexto de uso da construção como um todo. Os fatores sintáticos e semânticos se justificam pela necessidade de verificar a formação das construções com verbo-suporte *botar* e os níveis de gradiência. Os pragmáticos visam a avaliar como essas construções se manifestam em contextos de situações comunicativas. Para facilitar a exposição, apresentamos em separado estas variáveis.

Para descrever as estruturas argumentais apresentadas pelo item *botar* nas categorias de verbo predicador pleno e verbo predicado estendido, adotaremos as seguintes categorias de análise:

I) Para a descrição sintático-semântica de *botar*:

Aspectos sintáticos

A) Relativos ao argumento 1:

Realização: sim () não ()

Posição em relação ao verbo: anteposição () Posposição ()

Número: singular/plural

B) Relativos ao argumento 2:

Realização: sim () não ()

Posição em relação ao verbo: anteposição () Posposição ()

Número: singular/plural

Predicante/ não predicante

II) Aspectos semânticos

A) Relativos ao argumento 1:

Concreto	Abstrato
Contável	Não-contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano
Referencial	Não- referencial

B) Relativos ao argumento 2:

Concreto	Abstrato
Contável	Não-contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano
Referencial	Não- referencial

Para verificarmos o comportamento semântico do verbo-suporte e do item gramatical na predicação, optamos por utilizar a classificação de verbos utilizada no Dicionário de usos do português do Brasil (BORBA, 2002):

- Ação
- Ação-processo
- Processo
- Estado

4) Tempo e modo verbal

Tempo	Pretérito	Presente	Futuro
Modo	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
Formas nominais	Infinitivo	Gerúndio	Particípio

5) Número e pessoa verbal

1ª do singular	1ª do plural
2ª do singular	2ª do plural
3ª do singular	3ª do plural

As categorias 4 e 5 foram escolhidas pela necessidade de pesquisarmos quais os usos de *botar* apresentam propriedades verbais plenas, isto é, apresentam variabilidade de modo, tempo e pessoa. Vale ressaltar que estamos considerando, nesta análise, a noção de tempo gramatical, não cronológica. Nosso propósito, com essas categorias, é verificar se está ocorrendo uma neutralização de marcas morfológicas ou se alguma forma está sendo preferida para expressar um determinado uso.

4.2.2. Para descrever as estruturas argumentais apresentadas pelo item *botar* nas categorias de verbo-suporte e item gramatical, adotaremos as seguintes categorias de análise:

1) Para a descrição sintático-semântica de *botar* :

Aspectos sintáticos

A) Relativos ao argumento 1:

Realização: sim () não ()

Posição em relação ao verbo: anteposição () Posposição ()

Número: singular/plural

B) Relativos ao argumento 2:

Realização: sim () não ()

Posição em relação ao verbo: anteposição () Posposição ()

Número: singular/plural

Predicante/ não predicante

2) Aspectos semânticos

A) Relativos ao argumento 1:

Concreto	Abstrato
Contável	Não-contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano
Referencial	Não-referencial

B) Relativos ao argumento 2:

Concreto	Abstrato
Contável	Não-contável
Animado	Não-animado
Humano	Não-humano
Referencial	Não-referencial

3) Classificação semântica do predicado:

- Ação
- Ação-processo
- Processo
- Estado

4) Tempo e modo verbal

Tempo	Pretérito	Presente	Futuro
Modo	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
Formas nominais	Infinitivo	Gerúndio	Particípio

5) Número e pessoa verbal

Por meio da análise das categorias 4 e 5, será possível observarmos se, na construção *botar* + SN/SP, a variabilidade verbal é conservada, ou se essa construção restringe alguma propriedade verbal.

1ª do singular	1ª do plural
2ª do singular	2ª do plural
3ª do singular	3ª do plural

4. DISCUSSÕES EM TORNO DO CONCEITO DE VERBO-SUPORTE

Não é uma tarefa fácil propor uma definição de *verbo-suporte*. A primeira dificuldade encontra-se na variação de termos na literatura para designar esses verbos que passam por um processo de perda semântica: *verbo leve*, *verbo-suporte* e *verbo funcional*. Neste capítulo, verificamos, inicialmente, se esses termos *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos suportes* correspondem a realidades linguísticas diferentes ou se correspondem a estatutos semelhantes. Em seguida, apresenta-se o conceito de verbo-suporte adotado nesta pesquisa e as características gerais das construções das quais faz parte.

4.1. Diversidade terminológica

O termo *verbo leve* foi introduzido na literatura por Jespersen (1965) dentro deste contexto:

“The most usual meaning of sbs [substantives] derived from and identical in form with a vb [verb] is the action of an isolated instance of the action. This is particularly frequent in such everyday combinations as those illustrated in the following paragraphs after have and similar ‘light’ verbs. They are in accordance with the general tendency of Mod E [Modern English] to place an insignificant verb, to which the marks of person and tense are attached, before the really important idea. [have a care, look (peep) at, chat, wash, shave, swim, drink, smoke, ... make a bolt, plunge, ... give a sigh, groan, laugh, shout].”

De acordo com o autor, *verbo leve* é, pois, um verbo semanticamente vazio, ao qual se associam marcas de pessoa e de tempo, antes da “*ideia realmente importante da sentença*”, isto é, da ação que vem expressa pelo nome seguinte.

Duran *et al.* (2011) apresentam também a definição de *verbo leve* e diferenciam esta categoria da de *verbo-suporte*. Segundo os autores, o *verbo suporte* é uma função sintática que pode ser exercida por um *verbo leve*.

“A light verb is the use of a polysemous verb in a non prototypical sense or “with a subset of their [its] full semantic features”, North (2005). On the other hand, a support verb is the verb that combines with a noun to enable it to fully predicate, given that some nouns and adjectives may

evoke internal arguments, but need to be associated with a verb to evoke the external argument, that is, the subject. As the function of support verb is almost always performed by a light verb, attributes of LVCs and SVCs have been merged, making them near synonyms. Against this tendency, this study will show cases of SVCs without light verbs (*trazer prejuízo* = *damage*, lit. *bring damage*) and cases of LVCs without support verbs (*dar certo* = *work well*, lit. *give correct*). (Duran et al, 2011)

Segundo essa explicação, na maior parte dos casos, um *verbo leve* desempenha a função sintática de *verbo-suporte*, havendo, entretanto, casos em que há construções com *verbo-suporte* sem que o verbo seja um *verbo leve*. Duran *et al* (2011) citam como exemplos as construções como *trazer prejuízo* (*trazer*, segundo os autores, é um verbo na função de *suporte*), e como *dar certo* (uma construção com *verbo leve*, porém o verbo não exerce a função de *suporte*).

A denominação *verbo leve* é baseada em uma visão semântica do verbo, isto é, está calcada em seu esvaziamento de sentido; enquanto a denominação *verbo-suporte* é descrita do ponto de vista construcional: trata-se de um verbo que se combina com o substantivo para formar uma predicação.

Basílio (2003) cita os termos *verbos suporte*, *verbos leves* ou *verbos lexicais gramaticalizados*, mas não faz distinção entre eles. A autora adota a denominação *verbo-suporte* em sua pesquisa e define esta categoria como:

“um verbo transitivo geral seguido de um substantivo deverbal. Neste tipo de construção, o verbo apresenta o significado mais geral (ação, estado, etc.), assim como as propriedades gramaticais de flexão e concordância, enquanto a forma nominalizada é responsável pela particularização do significado”. (BASÍLIO, 2003)

Embora adote outro termo, Basílio não se distancia do conceito exposto por Jespersen (1965) ao admitir que a estrutura nominal da construção *verbo-suporte* + SN é a responsável pela “*particularização do significado*” ou “*ideia realmente importante da sentença*”; porém a pesquisadora não se limita apenas à análise semântica, mas adota, em seus trabalhos, o ponto de vista

construcional, as construções com verbo-suporte são analisadas como unidades lexicais.

Outro termo corrente na literatura é a de *verbo funcional*. Esse termo constitui uma tradução do alemão “Funktionsverb”. O conceito de *verbo funcional*, criado por Polenz (1985), inclui, além dos *verbos-suporte*, os chamados *operadores de causatividade e operadores de ligação*.

De acordo com Gotze (1973, *apud* Dal Bello, 1988), nos *verbos funcionais*, o conteúdo do verbo se enfraquece, isto é, passa do significado concreto ao abstrato; o verbo tem, antes de tudo, função constitutiva da oração, portanto gramatical (indicação de pessoa, número, tempo, etc.) numa estrutura com *verbo funcional* a declaração do verbo pleno se neutraliza consideravelmente, e o conteúdo semântico passa à parte nominal da estrutura (Funktionsnomen). O verbo se torna um detentor de função e por isso é frequentemente comparado ao verbo auxiliar.

Borba (1996, p. 75) também adota o termo *verbo funcional* e o descreve como:

“Um verbo é funcional quando: (i) relaciona-se com outro pleno, núcleo de predicado- ocupando, portanto, uma posição periférica no interior do sintagma verbal, e (ii) tiver uma significação gramatical ou for suporte de categoriais gramaticais.”

O autor inclui nessa descrição os auxiliares e os verbos-suporte (ou verbalizadores). Segundo essa abordagem, o *verbo-suporte* é um subtipo da categoria *verbo funcional*.

Além dos termos apresentados acima *verbo leve*, *verbo funcional*, iremos expor, a seguir, a definição do conceito de *verbo-suporte* (doravante Vsup) de acordo com os Gross (1989). Em francês, o estudo das construções com Vsup (CVsup) foi desenvolvido principalmente pelo trabalho do Laboratório de Automação e Documentário Linguística (LADL), liderado por Gross (1989). De acordo com o autor, as CVsup têm sido reconhecidas como um fenômeno especial que afeta tanto o léxico quanto a gramática. Segundo o

pesquisador, as CVsup são constituídas por um verbo seguido por um nome que expressa uma ação ou evento, e nela, o Vsup expressa as marcas gramaticais como tempo, pessoa, número e seleciona o argumento externo, o sujeito, enquanto o nome passa a ser responsável por selecionar os argumentos internos.

Seguindo a perspectiva de Gross, Arbia (2010) defende que as CVSup são um caso de incorporação sintática: a incorporação do substantivo à construção faz toda a estrutura funcionar como uma espécie de verbo complexo, isto é, um verbo que combina com um nome predicativo para formar um todo semântico.

As construções do tipo verbo + sintagma nominal (doravante SN) foram investigadas sob vários rótulos em diferentes estudos linguísticos: *verbos leves*, *verbos funcionais* e *verbos-suporte*, conforme se afirmou, contudo não se pode defender que esses termos sejam totalmente equivalentes, pois, a depender da perspectiva teórica adotada, haverá diferenças quanto à definição e à descrição desse fenômeno.

4.2. Definição de *verbo-suporte*

A definição de Vsup também não é uniforme na literatura; sob o mesmo rótulo, encontram-se definições diversas. A seguir, são analisadas as definições propostas por Neves (1999), Borba (1991) e Paz e Silva (2009) para evidenciar a falta de um consenso quanto à definição da categoria.

A definição de verbo-suporte é dada por Neves (2003, p. 53) como:

verbos de significado **bastante esvaziado** que formam **com seu complemento (objeto direto)**, um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua. (Grifo nosso)

Neves relativiza o esvaziamento semântico do verbo, pois não defende o seu total esvaziamento, isto é, a condição de “semanticamente vazio”, mas considera esse esvaziamento numa perspectiva escalar ao afirmar que os Vsup são bastante esvaziados.

Borba (1991, p. 78), porém, afirma que os Vsup ou verbalizadores são verbos vazios de significação léxica:

Os verbalizadores ou verbos-suporte que, **tornando-se vazios de significação léxica**, compõem sintagmas verbais complexos introduzindo predicados nominais cujo núcleo é um nome/adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (= predicativa) do nome/adjetivo que introduzem e verbo-suporte por suportarem ou expressarem categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa. Ex.: ter medo (=temer); abrir falência (=falir); ficar triste (entristecer-se); ser alegre (alegrar-se), etc.”(Grifo nosso)

O autor não considera o esvaziamento em uma perspectiva escalar, ao contrário de Neves (1999), mas defende que o responsável pela significação da construção é apenas o nome ou adjetivo.

Paz e Silva (2009, p. 114) apresenta uma definição de Vsup distinta da proposta dos autores anteriormente citados.

“Por verbo-suporte entende-se uma extensão de sentido de um Vpredicador esvaziada semanticamente e com comportamento léxico-gramatical, que se associa a um elemento não-verbal, partilhando com este a função de atribuir papel temático. Esse verbo tem caráter instrumental porque serve de “suporte” para marcar noções de categorias verbais, tais como tempo, modo, aspecto, número e pessoa, tal como atuam os verbos auxiliares. Os dois elementos formadores do predicador complexo colaboram para a projeção de argumentos na oração.”

A autora, diferentemente de Neves, descreve o Vsup como uma estrutura que integra uma cadeia de gramaticalização. Os verbos que participam da CVsup passam por um processo de perda semântica, pois

passam a dividir com o substantivo a capacidade de selecionar argumentos. Esse processo de esvaziamento semântico pode indicar, segundo Paz e Silva (2009), que se trate de um processo de gramaticalização.

Apresentamos três definições de *verbo-suporte* para demonstrar que o mesmo termo pode ser descrito de formas diferentes e sob perspectivas distintas, deixando claro que o seu conceito ainda é problemático e polêmico.

4.2.1. Um conceito operacional de *verbo-suporte*

Na língua portuguesa, e nas línguas em geral, determinados verbos têm alta frequência e acepções variadas, comportam-se como uma espécie de “guarda-chuva” abrigando um leque de sentidos com funções diversas. Uma dessas funções é o que nós podemos chamar de *suporte*.

Jezek (2004) expõe alguns exemplos para mostrar que um mesmo verbo pode desempenhar funções distintas a depender do comportamento sintático-semântico das construções das quais faz parte. A autora apresenta os seguintes exemplos:

1a. *Maria a fait une gâteau. (Maria fez um bolo)*

1b. *Maria a fait um choix. (Maria fez uma escolha)*

2a. *Le gardien a pris le ballon. (O guarda tomou o balão)*

2b. *Le gardien a pris une décision. (O guarda tomou uma decisão)*

Explica-se que, em 1a e 2a, o nome indica um objeto (*bolo, balão*) que é resultado da ação expressa pelos verbos *fazer* e *tomar*, e que, em seguida, em 1b e 2b, a ação é expressa pelos nomes predicativos (*escolha* e *decisão*).

Esses exemplos demonstram que, apesar de se tratar dos mesmos verbos (*fazer* e *tomar*), eles não possuem o mesmo estatuto, nem todos representam predicados semânticos; o verbo *fazer* e *tomar* de 1b e 2b, respectivamente, não têm essa função: são *verbos-suporte*, isto é, perderam a

função de predicar argumentos, apenas permaneceram com a função de apoiar flexionalmente os elementos nominais, que passam a representar o predicado da construção: os sintagmas nominais *uma escolha* e *uma decisão*.

Um verbo não é *suporte* por definição prévia, conforme comentamos acima, um mesmo verbo pode desempenhar funções distintas, como se verifica, também, nos exemplos abaixo:

4. *Os atores podem reunir-se, conversar, tomar cafezinho e o espetáculo está sendo criado nesse momento* (CP. 190r: Br.Rec⁴)

5. *É preciso tomar consciência e aproveitar os momentos certos para dizer que nós queremos e estamos começando uma nova era* (CP190r: Br.Rec⁵)

Na ocorrência 4, o verbo *tomar* funciona como verbo pleno, isto é, com alta carga de significação e o sintagma nominal é referencial (*cafezinho*). Os dois elementos (verbo e sintagma nominal) possuem autonomia sintática e semântica.

Se se pensar, como verifica Ranchhod (1990), que o verbo, enquanto pleno, tem seu significado próprio e pode ser parafraseável por outro verbo, então a sua distribuição sintática também será previsível, conforme verificamos a partir do exemplo 4: *tomar* tem um significado próprio e parafraseável por *beber* e sua configuração sintática também será previsível: sujeito humano, objeto concreto, não-humano. Porém, o verbo no exemplo (5) não pode ser substituível por *beber*:

* *É preciso tomar (beber) consciência e aproveitar os momentos certos para dizer que nós queremos e estamos começando uma nova era.*

O verbo *tomar*, em (5) exerce a função de suporte, isto é, seu significado é mais geral e depende do SN *consciência* para formar uma unidade de sentido, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. Os elementos *tomar* e *consciência* não exercem papéis independentes na

⁴ Corpus do Português, Linguagem Falada: Recife: 340

⁵ Corpus do Português, Linguagem Falada: Recife: 340

estrutura argumental, ou seja, o SN *consciência*, embora tenha a maior “força” semântica, não é sintaticamente capaz de formar a sentença sem a presença do verbo, e este precisa do SN para configurar o sentido do todo e determinar os papéis temáticos da construção.

Para caracterizar um verbo na função de *suporte*, devemos observar o resultado da combinatória: *verbo + nome*. Apesar de haver, sintaticamente, um sujeito, um verbo e um objeto direto, o sentido do verbo não é interpretado isoladamente, mas em conjunto com o seu objeto. Neste tipo de construção, o SN é responsável pela particularização do significado. E não é possível prever os tipos de substantivos que irão fazer parte das construções com verbo-suporte, há uma gama variada de substantivo e, conseqüentemente, sentidos diversos e verbos com tipos semânticos variados.

Em suma, por *Vsup* entendemos verbos que:

- i) têm significado bem esvaziado, e funcionam como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado, conseqüentemente;
- ii) tornam-se mais gramaticais e menos lexicais;
- iii) formam com seu SN um significado global;
- iv) perdem a capacidade de sozinhos selecionarem argumentos.

Conforme se descreveu, não é possível identificar um *Vsup* por definição prévia, mas há determinadas características sintáticas e semânticas que permitem ao pesquisador a identificação da construção com *Vsup*; destacaremos, a seguir, as mais gerais.

4.3. Características gerais das construções com verbo-suporte.

Assim como não há uma definição consensual de *Vsup*, a depender do autor ou da corrente teórica, o conceito dessa categoria irá variar, também não há consenso em relação à descrição da *CVSup*. Alguns autores consideram como parte das construções com *Vsup* os sintagmas preposicionais (Doravante SP). Vilela (1999, p.70) afirma que:

verbos “suporte”: são os verbos que servem de “suporte” verbal ao autêntico predicado, um nome, geralmente deverbal, ou expressão equivalente: *dar beijos a* = ‘beijar’, *fazer a apresentação de* = ‘apresentar’, *ter em consideração* = ‘considerar’, *pôr em risco* = ‘arriscar’.

O autor considera o sintagma preposicional como um dos tipos de configurações sintáticas que fazem parte das construções com Vsup.

Paz e Silva (2009, p.114) amplia a descrição de Vilela (1999) e afirma que qualquer elemento não verbal pode formar com o Vsup a predicação:

Por verbo-suporte entende-se uma extensão de sentido de um Vpredicador esvaziada semanticamente e com comportamento léxico-gramatical, que se associa a um elemento não-verbal, partilhando com este a função de atribuir papel temático.

A autora cita em seu trabalho os dez tipos de construções com verbo-suporte *levar* identificados em sua pesquisa, entre eles estão aqueles que são estruturados pelo verbo e o SP: *levar a sério, levar em consideração, levar em conta, levar a melhor, levar ao delírio, levar à morte*.

Em espanhol, Koike (1994, p 277) destaca em sua pesquisa três tipos de CVSup, a seguir:

I. Verbo soporte + Sustantivo predicativo (+prep...)

dar alcance a uno [alcanzar], dar un paseo por [pasear por], poner término (a algo) [terminar], hacer alarde (de algo) [alardear de], hacerse cargo (de algo) [encargarse de]

II. Verbo soporte + Sintagma preposicional+ (...)

poner en orden (algo) [ordenar], poner en libertad (a alguien) [liberar], poner en duda (algo) [dudar]

III. Verbo soporte + Adjetivo+ (...)

hacer público (algo) [publicar], poner colérico (a alguien) [encolerizar], caer enfermo [enfermar]

Além do SN, o autor considera como parte das CVSup outros dois tipos de sintagmas: o SP e o SAdj. Embora Koike (1994) admita que a correspondência léxica por um verbo simples não seja um critério adequado para reconhecer uma CVSup, pois afirma que há CVSup que não correspondem a um verbo pleno, o pesquisador estabelece a correspondência entre Vsup e verbo pleno, nos exemplos acima, sem, no entanto, justificar, com base em outros critérios, a inclusão do SP e SAdj como parte das CVSup.

Atayde (2001) inclui, entre as CVsup, os sintagmas preposicionais, isto é, o VSup + SP. Segundo a pesquisadora, os dois constituintes de base do predicado analítico podem ou não estar ligados através de um termo relacional – a preposição –, que, por sua vez, é seguida ou não de artigo, e cita os seguintes exemplos:

- 6) A integração europeia **pôs à prova** a nossa capacidade colectiva. Mas a União Europeia está em permanente evolução e nós temos de saber desempenhar cada vez melhor o nosso papel no centro político de decisão europeia. (GN-4)).
- 7) (...) Sousa Franco chegou a **pôr em causa** a permanência no Governo, colocando em embaraços o primeiro-ministro (...). (CP-Expresso, 19.4.97).
- 8) A Lei da Programação Militar, que deveria ter **entrado em vigor** no dia 1 de Janeiro, poderá sofrer um atraso de (...) seis meses. (CP-Público, 31.3.01).

A autora justifica que, em regra, os Vsup que ocorrem em CVsup não preposicionadas são provenientes de verbos plenos com regência de complemento direto (CD), sendo os constituintes verbais das CVsup preposicionadas em sua maioria provenientes de verbos plenos que regem complementos preposicionais ou adverbiais (locativos ou direcionais).

Outros pesquisadores, porém, não defendem o SP e o SAdj como parte de construções com Vsup. Neves (2010, p.54) admite como elementos integrantes das CVSup:

- (i) um verbo com determinada natureza semântica básica, que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado;
- (ii) um **sintagma nominal** que entra em composição com o verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação. (grifo nosso)

Além do elemento verbal, a autora admite apenas como parte da CVSup o SN que assume a posição sintática de objeto direto do verbo, excluindo aquelas construções com SAdj e SP.

Ranchhod (1990, p. 53) também defende, assim como Neves (2010), que “para caracterizar um verbo como suporte, há que ter em conta as propriedades da combinatória de, pelo menos, dois elementos: *verbo, nome.*”

Os autores não entram em um consenso, como foi mostrado, Vilela (1999) e Paz e Silva (2009) consideram o SP e SAdj parte das CVSp, porém Neves (2010) defende que essas construções podem tanto ser argumento do verbo pleno ou integrar um tipo de expressões cristalizadas, mas não devem ser consideradas como parte da CVSup.

Não se pode basear apenas nas intuições do pesquisador, sendo, portanto, necessária a adoção de critérios. Com base em Neves (2002), Gross e Vivès (1986) e Biderman (2005), selecionou-se 4 testes para descrever as CVSup e verificar se as construções do tipo verbo + SP podem ser um tipo de CVSup ou se seriam um caso de expressões cristalizadas.

4.3.1. Referencialidade

De acordo com Neves (1996), quanto mais referencial é um nome complemento, menor sua contribuição para a composição do predicado, e, portanto, mais ele se afasta da função que caracteriza os nomes que entram nas construções prototípicas de Vsup. Biderman (2005) afirma que a ausência do determinante pode indicar que se trata de uma abstração do nome e que a

palavra assume, nesse caso, um valor metafórico ou geral, já, quando se reintroduz o determinante, atribuindo à construção seu valor concreto, a expressão se desagrega. A autora apresenta alguns exemplos em que a presença do determinante faz com que o sentido da construção seja alterado.

9) *De tanto levar e trazer recado o moleque já nem ligava mais.*

10) *O moleque levava e trazia um recado do namorado de Glorinha.*

11) *Ninguém aqui vai levar vantagem.*

12) *Glorinha é jovem, levando a vantagem de ser bonita.*

Com relação às CVSup, selecionou-se alguns exemplos do *corpus* para demonstrar que a presença ou alteração do determinante acarreta a mudança da categoria, isto é, um mesmo verbo pode assumir a função de suporte ou pleno a depender dos nomes que com eles ocorrem na posição de objeto.

13) “Temos que **botar em pratica** a racionalidade... Aprimorar a inteligência... E desapegar de coisas que não são para esse momento, ou talvez não seja para nós!” (GN-10)

14) “Para mim é assim: o reino de Deus começa aqui, pela nossa ação. A palavra de Deus é para **botar na prática** da vida... Não posso ficar fechada na minha casa, ...” (GN-11)

A construção *botar em prática* pode ser descrita, de acordo com a configuração sintático-semântico da construção, de duas formas distintas. Em 13, o nome é mais geral, menos referencial, não determinado, e o verbo tem a função de suporte. Já em 14, o nome passa a ser determinado pelo artigo definido e qualificado pelo SP *da vida*, e o verbo tem a função de pleno nesta construção.

4.3.2. Apagamento do Vsuporte

Segundo Neves (2002), a oração com verbo-suporte reproduz um sintagma nominal por apagamento do Vsup e colocação de seu complemento

na forma de+SN/possessivo. Assim, em (14) pode-se propor equivalência com (14a):

(13a) nossa prática

(14a) a prática da vida da palavra de Deus*

O significado particular desse critério, como afirma Neves (1996), é a explicação do fato de que as construções com verbo-suporte são a fonte de nominalizações.

4.3.3. Sentido do verbo mais esvaziado do verbo.

Os verbos na função de suporte, isto é, com função mais gramatical e menos lexical, possuem significado mais geral, semas mais abrangentes, abriga vários sentidos a depender do SN que o acompanha. Este é responsável pela particularização do significado e pela seleção dos argumentos, e pode, também, manter uma relação de paráfrase com um verbo simples:

(13b) Temos que **praticar** a racionalidade

(14b) A palavra de Deus é para **praticar** da vida*

4.3.4. Posição/mobilidade do SN

Outro teste proposto é o da mobilidade, ou seja, verificar se o elemento admite ser anteposto ou posposto ao verbo. Segundo Neves (2002), o elemento nominal que acompanha o verbo-suporte é um constituinte, pois admite anteposição, que, embora um pouco estranha, é aceitável do ponto de vista gramatical, caracterizando um SN.

(13c) Temos que **em prática** botar a racionalidade.

(14c) A palavra de Deus é para **na pratica** da vida botar

Embora essas frases sejam gramaticalmente possíveis, elas não são usuais; geralmente a CVSup organiza-se em posições fixas Vsup + complemento. Por exemplo, em nossa pesquisa, não encontramos ocorrências de construções do tipo *em prática botar*.

De acordo com os testes propostos acima, observou-se que a construção *botar em prática* pode ser um tipo de CVSup, pois:

- a) o sentido do verbo não é interpretado isoladamente, mas em conjunto com o seu objeto. Nesse tipo de construção, o sintagma nominal (SN) é responsável pela particularização do significado;
- b) o significado é mais geral e depende do SP para formar uma unidade de sentido, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação;
- c) as construções com verbo-suporte são fontes de nominalizações;
- d) pode haver a mudança de posição do SN/SP.

Podem-se resumir as características gerais das construções com Vsup com base nas seguintes afirmações:

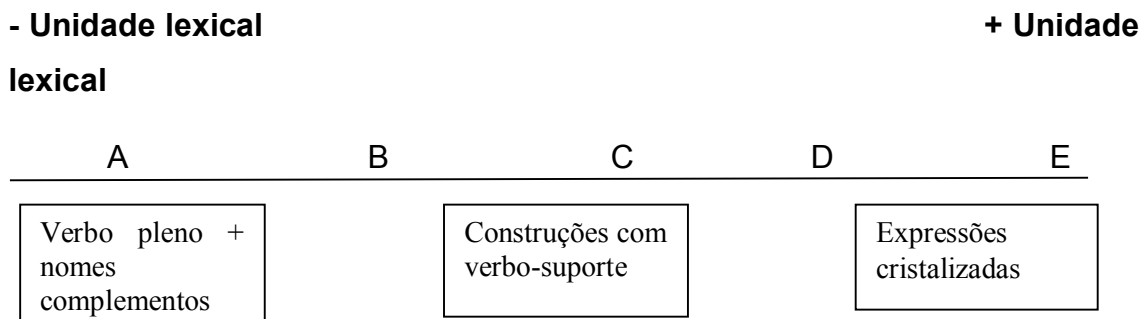
- a) determinados verbos têm alta frequência e acepções variadas, comportam-se como uma espécie de “guarda-chuva” abrigando um leque de sentidos com funções diversas e uma dessas funções é o que nós podemos chamar de suporte;
- b) a construção com vsup é composta por um complemento e um verbo na função de suporte;
- c) a incorporação do nome ao verbo implica a consequente perda de suas propriedades gramaticais: o substantivo passa a motivar o significado geral da construção; ocorre ainda a perda da referencialidade do nome.

4.4. O caráter escalar das construções com verbo-suporte

Dentro do que chamamos por construções com Vsup (CVsup), encontram-se variadas estruturas. Essas construções se situam ora mais próximas de construções livres, ora mais próximas de construções cristalizadas.

Neves (2002) propõe para as construções com verbo-suporte um *continuum* diversificado internamente pelo grau de integração existente entre o verbo e o elemento nominal, admitindo que haja estruturas diversas de construções com verbo-suporte que podem estar em graus variados de fixação. A autora classifica as construções com verbo-suporte num espaço intermédio entre dois extremos: num extremo, há expressões cristalizadas ou fossilizadas, que, segundo Neves (2002), apresentam-se como um bloco cristalizado em que existe um significado global unitário. Num outro extremo, certas combinações que reúnem os verbos plenos e nomes complementos.

Figura 1: descrição escalar das construções com verbo-suporte



Em A, encaixam-se as construções livres, isto é, predicções com verbo pleno. Nessa categoria, enquadra-se o uso primário do verbo *botar*, ou seja, aquele que tem como significado básico “deslocar/conduzir algo ou alguém para um determinado lugar”, “pôr/colocar”, denotando valor de movimento de um objeto no espaço geográfico. Em B, situam-se as construções que estão entre as construções livres e as construções com verbo-suporte, trata-se de construções que, a depender da configuração sintático-semântica, podem

comportar-se ora como CVSup, ora como construções livres, como ocorre nos exemplos (13) e (14). Em suma, o elemento não verbal, nas construções com verbo-suporte, passa a ser o centro da predicação, responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira. Portanto, à medida que a construção com verbo-suporte vai se tornando mais fixa, o SN/SP deixa de ser argumento do verbo, passando à parte inerente deste, e seus complementos serão complementos da estrutura inteira.

As construções prototípicas com verbo-suporte inserem-se no grupo C. Essas construções caracterizam-se por ter um complemento não referencial, de modo que, segundo Neves (2001), este complemento traz um substantivo sem determinante. O nome caracteriza-se ainda por manter o seu significado primário.

As construções do grupo D irão se diferenciar das do grupo C por o complemento nominal apresentar uma extensão de sentido, tornando-se mais abstrato e a construção, como um todo, vai se tornando mais fixa; como nos exemplos a seguir:

(15) No cemitério da Constituição São Paulo **botava banca** de metrópole cosmopolita. (GN-12)

(16) Mulher, seja leal, você **bota muita banca** e infelizmente eu não sou jornal. (GN-13)

As ocorrências (15) e (16) são construções que podem ser descritas como um *cline* que descritas se localizam, em um cline, entre as CVSup e as expressões cristalizadas, apesar das construções serem mais fixas, pois a mudança de posição do elemento nominal destruiria o sentido da construção, a construção permite a inserção de elementos determinantes e quantificadores, como em (15a) e 16.

(15a) No cemitério da Constituição São Paulo **botava a/maior banca** de metrópole cosmopolita.

A construção *botar fogo*, por exemplo, pode estar em graus diferentes de integração sintático-semântica entre seus elementos constituintes. A depender

do contexto, *botar* pode estar entre um verbo pleno e um verbo-suporte ou mais próximo de uma construção cristalizada.

17) Delegado fala sobre caso de bandidos que **botaram fogo** em dentista. (GN-13)

18) Correu, teve mobilidade e as chances apareceram. E ele as aproveitou. **Botou fogo** no jogo, marcando os dois gols da vitória do Santa Cruz sobre o clube da estrela solitária da Paraíba. (GN-14)

Na ocorrência (17), *botar* apresenta o sujeito agente (bandidos) e o complemento (fogo), porém este não é afetado pela ação verbal, como ocorre com *botar* quando pleno, todavia, diferentemente de (18), a construção mantém sua composicionalidade porque tem componentes que são eles próprios *constituintes semânticos*, isto é, de acordo com Biderman (2005), um fragmento de frase que possui um significado constante qualquer que seja o contexto.

Na ocorrência (18), não é mais possível depreender o sentido da sequência *botar fogo* separadamente, isto é, *botar fogo* não é previsível a partir de *botar* [causar a queima de algo] e *fogo* [incêndio, combustão], a construção como um todo equivale a *incitar*, *excitar*, ou seja, o significado da construção não depende do sentido de cada um de seus componentes.

Aquelas construções que perderam a sua composicionalidade, tornando o sentido da construção não previsível a partir de seus constituintes, ou seja, o significado do grupo inteiro, em bloco, não corresponde à soma do significado de cada palavra integrante do grupo, designamos de expressões cristalizadas e integram o grupo E: *botar o pé na cova*, *botar a mãe na forca*, *botar os pés pelas mãos*.

Em suma, o elemento não verbal, nas construções com verbo-suporte, passa a ser o centro da predicação, responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos argumentos da construção inteira. Portanto, à medida que a construção com verbo-suporte vai se tornando mais fixa, o SN/SP deixa de ser argumento do verbo, passando à parte inerente deste, e seus complementos serão complementos da estrutura inteira.

Neves (2002) faz as seguintes observações a respeito das situações analisadas: para o elemento nominal objeto do verbo, o comportamento nas

construções analisadas foi oposto (nas construções com verbo-suporte, trata-se de um SN; nas expressões cristalizadas, o elemento nominal apresenta soldadura com o verbo, não podendo ser considerado um SN). Enquanto nas expressões cristalizadas esse elemento não é um constituinte, ou seja, não tem autonomia, compondo um todo com o verbo, nas construções com verbo-suporte tal elemento se comporta como SN, isto é, como constituinte da oração. Por outro lado, os resultados da observação de tais construções, como um todo, mostraram-se idênticos: tanto as expressões cristalizadas quanto as construções com verbo-suporte são constituintes da oração enquanto sintagmas verbais. Além disso, podem compartilhar a condição de equivalência semântica com um verbo pleno, ou seja, podem ser substituídas por um verbo simples, pois têm autonomia semântica, corroborada pelo fato de que a soma dos significados das partes não corresponde ao significado do todo da construção.

Segundo essa proposta, a expressão idiomática deve ter duas características: ser lexicalmente complexa – isto é, deve compreender mais de um constituinte lexical – e ser um constituinte semântico único, ou, em outras palavras, um constituinte que não pode ser segmentado em constituintes semânticos elementares. Qualquer expressão que é divisível em constituintes semânticos é chamada de *não idiomática ou semanticamente transparente*. Nas construções com verbos-suporte, estes contribuem para o significado do todo, já que o seu esvaziamento semântico não é total. Por essa razão, tais estruturas não deveriam ser confundidas com as expressões idiomáticas, em que o significado do todo não é depreendido pela soma do significado de seus componentes.

Fortunato (2009) também traça uma delimitação entre as CVSup e as fraseologias verbais. A autora afirma que as construções cristalizadas se encontram no mais alto grau de fixação sintática, não permitindo a inserção de quaisquer elementos na sua estrutura; e fixação semântica, estando completamente idiomatizadas, ou seja, não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes: o “significado não é a esperada união regular de A e B ('A + B') [...], mas um significado diferente 'C'

[...], que não inclui nem 'A' nem 'B', conforme já apontava Lapa (1987). A pesquisadora defende a ideia de que as construções com verbo-suporte estão em condição de semifixação em relação aos plenos, que se prestam a combinações livres, e estão entre as construções com verbos plenos e as fraseologias, que apresentam fixação formal e semântica (idiomaticidade).

Síntese conclusiva

Não é uma tarefa fácil propor uma definição de *verbo-suporte*. A primeira dificuldade encontra-se na variação de termos na literatura para designar esses verbos que passam por um processo de perda semântica: *verbo leve*, *verbo-suporte* e *verbo funcional*. Neste capítulo, observou-se que os termos *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos suportes* correspondem a realidades linguísticas diferentes e não são termos equivalentes. Apresenta-se ainda o conceito de verbo-suporte adotado nesta pesquisa e as características gerais das construções das quais faz parte.

Por Vsup entendeu-se verbo que:

- i) tem significado bem esvaziado, e funcionam como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado, conseqüentemente;
- ii) torna-se mais gramatical e menos lexical;
- iii) forma com seu SN um significado global;
- iv) perde a capacidade de sozinho selecionar argumentos.

Com relação s características gerais das construções com Vsup, foram formuladas as seguintes afirmações:

- a) determinados verbos têm alta frequência e acepções variadas, comportam-se como uma espécie de “guarda-chuva” abrigando um leque de sentidos com funções diversas e uma dessas funções é o que nós podemos chamar de suporte;

b) a construção com vsup é composta por um verbo na função de suporte e um complemento e;

c) a incorporação do nome ao verbo implica a conseqüente perda de suas propriedades gramaticais: o substantivo passa a motivar o significado geral da construção; ocorre ainda a perda da referencialidade do nome.

Dentro do que se denominou por construções com Vsup (CVsup), encontram-se variadas estruturas. Essas construções se situam ora mais próximas de construções livres, ora mais próximas de construções cristalizadas.

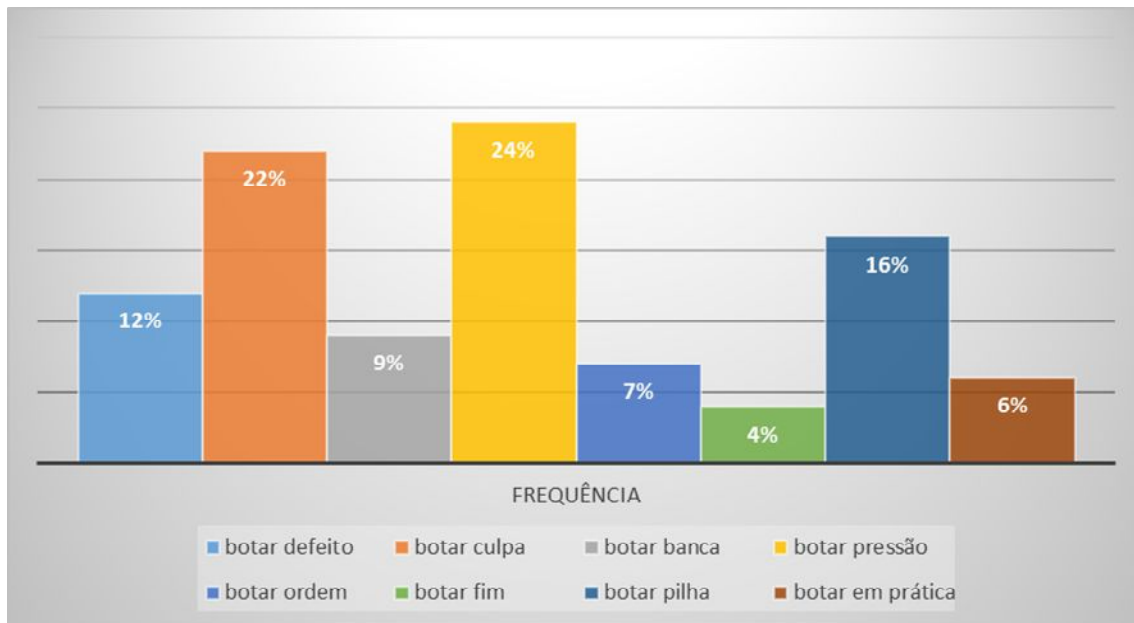
5. A DESCRIÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUPORTE *BOTAR*

O presente capítulo demonstra resultados de uma investigação acerca do comportamento sintático-semântico de *botar* ao integrar as construções VSup + SN/SP. De acordo com Neves (2003), conforme se discutiu no capítulo II, verbos-suporte são verbos de significado bastante esvaziado que formam com seu complemento um significado global. Com base na definição da autora, formulou-se o questionamento que norteou a análise deste capítulo: quais tipos de construções haveria dentro desse “guarda-chuva” que se denominou verbo-suporte? É possível afirmar que existem graus de comportamentos sintático-semântico dentro desta categoria? Ao longo deste capítulo, se discutirão esses questionamentos com o objetivo de descrever os tipos de construções com o verbo-suporte *botar* encontradas em nossos *corpora*.

5.1. Apresentação geral das construções com verbo-suporte

No gráfico 1, destacam-se as construções com *botar* mais produtivas nos *corpora* pesquisados. Esses resultados foram analisados com base na proposta de Bybee (2001); em sua teoria, a autora estabelece a distinção entre *type frequency* e *token frequency*. A primeira (*type frequency*) seria a frequência de um determinado padrão na língua. O segundo tipo de frequência (*token frequency*) seria a frequência de um item específico dentro de um determinado *corpus*. A frequência foi analisada em termos menos específicos, *token frequency* para avaliar a produtividade de *botar* na função de verbo-suporte.

Gráfico 1- frequência de *botar* na função de verbo-suporte



Ao todo, foram analisadas 300 ocorrências com verbo-suporte nas construções *botar defeito*, *botar culpa*, *botar banca*, *botar pressão*, *botar ordem*, *botar fim*, *botar pilha*, *botar em prática*.

5.2. Aspectos sintáticos

A análise desse aspecto tem por objetivo verificar se a posição do SN/SP que se vincula ao verbo *botar* é mais ou menos fixa, partindo da hipótese de que quanto mais lexical for o estatuto categorial do verbo, o SN/SP estará sujeito à maior mobilidade: ele poderá ser encontrado anteposto ao verbo ou posposto (e, quando neste caso, com a possibilidade de anteposição em algumas construções). Ademais, espera-se que os SNs/SPs de posição mais fixa, ou seja, pospostos e sem possibilidade de anteposição, estejam vinculados à categoria gramatical de *botar* que se situa mais próxima das expressões cristalizadas, particularmente, entre as categorias verbo-suporte e as expressões cristalizadas.

Tabela 1- posição do SN/SP

	Posição do SN/SP em relação ao verbo
Anteposição	0/300
Posposição	240/300
Entreposto	60/300

A partir da tabela 1, observa-se a posição do SN/SP em relação ao verbo com o intuito de se obter uma análise mais refinada sobre o grau de integração entre os componentes de tais expressões. Motiva essa investigação a hipótese de que, em perífrases com algum grau de lexicalização, a mobilidade do SN/SP em relação ao verbo é pouco frequente ou inexistente. De acordo com as ocorrências analisadas, a posição do SN/SP permaneceu após o verbo, não havendo casos em que esses sintagmas ocorressem antes do VSup, conforme se observa nos exemplos abaixo:

(18) *que as pessoas preferem **botar culpa** no "diabo" do que assumir seus próprios erros?* (CP20-10)

(19) *ÍNDIO QUER APITO: Nonato Bandeira deve anunciar sua desistência nos próximos dias; RC **botou pressão** e ele abriu* (CP-50)

(20) *Conheça a campeã de boxe que chega ao UFC **botando banca** para cima de Ronda.* (GE)

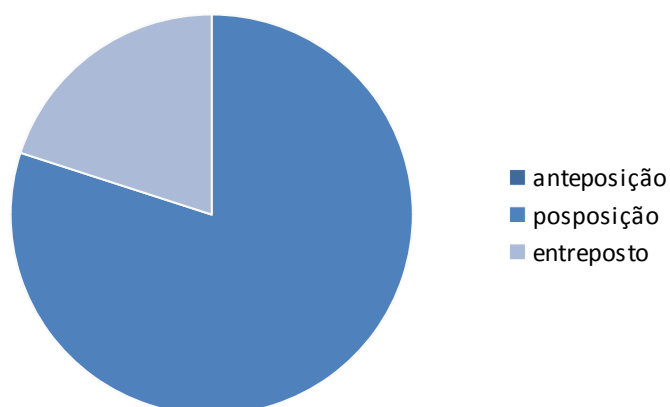
As ocorrências analisadas ilustram a posposição do SN ao verbo nas construções, o que corresponde a 80% do total. Em relação aos elementos que podem aparecer entre o verbo e o SN, isto é, o qualificador, quantificador ou elemento nominal, houve uma menor proporção, 20%, ocorrências ilustradas nos exemplos 21 e 22 a seguir.

(21) *Essa vai praquelas mulheres que botam banca!! Sabem que o cara ta afim dela e **botam maior banca**, ficam fazendo joguinho!!! Garota... na boa!! desencana.* (GRS)

(22) *Parei o carro em frente ao bar, toquei um som Tião carreiro pra chamar a atenção. Parou do lado de camionete a patricinha ouvindo rock **botando maior pressão**.* (GM)

A tabela 01 corrobora a hipótese de que os SNs antepostos geralmente estão vinculados às categorias lexicais de *botar* (verbo pleno), pois essa posição não aparece relacionada à categoria de verbo-suporte. A esta se juntam categoricamente os SNs pospostos ao verbo, e, embora ocorram determinados elementos entre o verbo e o SN, como constam nas ocorrências (21) e (22), não foram encontradas ocorrências em que o SN antecedesse o verbo-suporte, embora essa configuração seja gramaticalmente aceita.

Gráfico 2- posição SN/SP



Para confirmar a hipótese de que a posição fixa do SN colabora para a obtenção de um grau de integração maior entre os componentes do predicador complexo com *botar*, relacionou-se o aspecto “mobilidade do SN” com o caráter predicador do SN.

Em todas as ocorrências analisadas em nossos *corpora*, o SN configura-se com função predicadora.

(23) *Daqui a pouco vão **botar a culpa** em mim pelo pouso forçado do avião da Angélica e Luciano Huck.* (GT)

(24) *Esquadrão pode **botar banca** de líder esta noite.* (GE-1)

As expressões nominais que acompanham os verbos-suporte não se manifestam como objetos do verbo, mas como adjuntos dos verbos-suporte. Assim, ocorre que o nome não é um argumento, mas vigora como “predicante” porque desempenha a função do verbo de definir a organização dos argumentos, isto é, o SN, sendo agora o centro da predicação, será responsável pela abertura de espaços vazios a serem preenchidos pelos

argumentos da construção inteira, portanto, à medida que a CVSup vai se tornando mais fixa, o SN deixa de ser argumento do verbo passando a parte inerente deste e seus complementos serão complementos da estrutura inteira.

É importante destacar que o verbo também contribui com a predicação, a presença da preposição *em* é uma exigência do verbo *botar*, porém o responsável pelo tipo de complemento da construção é o SN. Na ocorrência (23), o nome *culpa* tem o verbo cognato *culpar* e, na ocorrência (24), o nome *banca*, o verbo cognato *bancar*:

23a) *Daqui a pouco vão **me culpar***

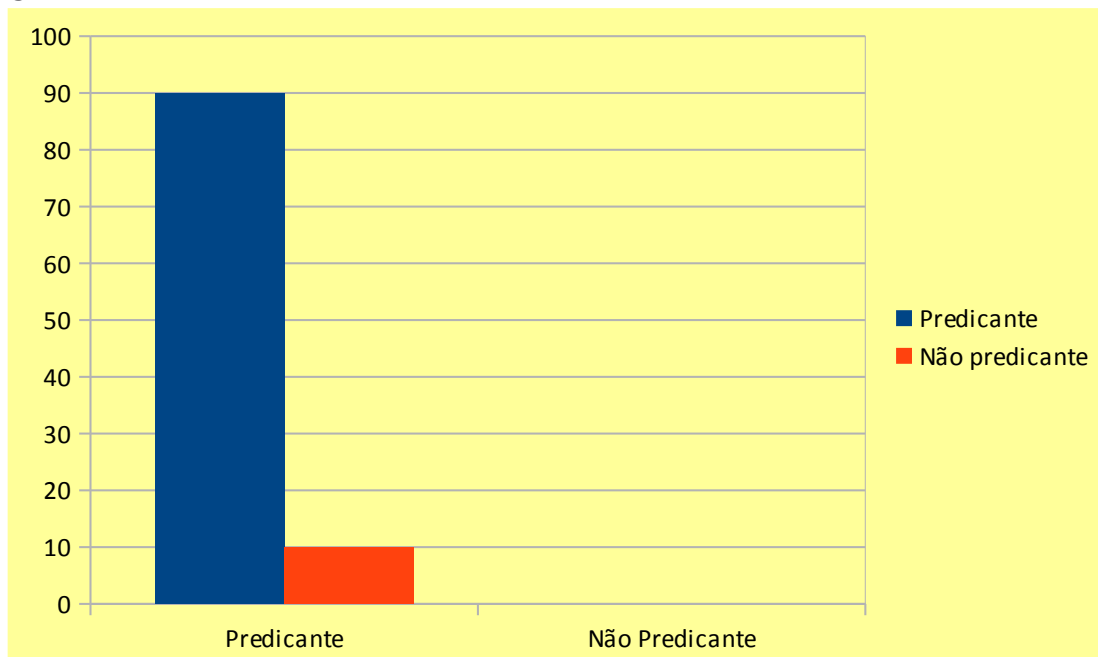
24a) *Esquadrão pode **bancar o líder** esta noite.*

Os complementos *me* e *o líder*, em (23a) e (24a), são mantidos mesmo quando ocorre a troca do nome pelo seu verbo cognato, no entanto a preposição não permanece com a mudança.

O gráfico 03 evidencia os resultados relativos à natureza do elemento nominal incorporado ao VSup *botar*: nome predicante; e nome não-predicante (ou seja, item a partir do qual não existe a possibilidade de se predicar argumento).

Com base em Bybee (2003), pode-se cogitar que a frequência do tipo do elemento incorporado ao *verbo-suporte* (*type frequency*) é um fator relevante para pôr em evidência a gramaticalização de ***botar***: as construções com verbo-suporte são formadas tipicamente por nomes predicantes e se organiza para além do núcleo não-verbal, um constituinte verbal semanticamente enfraquecido, incapaz de constituir sozinho o predicado e, conseqüentemente, de atribuir ao componente nominal ou adjectival o estatuto de argumento/complemento. Para além de serem os portadores das categorias verbais de pessoa/número, tempo e modo, indispensáveis ao funcionamento da frase, a função destes verbos é a de transformar elementos cuja função primária não é a função da predicação, mas a da referência (no caso dos N) e a da qualificação (no caso dos Adj), em predicados.

Gráfico 03: predicação
SN



Em suma, os resultados do gráfico 3 indicam que a frequência de nomes predicantes é total quando estão vinculados à categoria do *verbo-suporte botar*, demonstrando que esse tipo de nome colabora significativamente para a identificação das construções com *verbo-suporte* e ajuda a evidenciar o caráter mais gramatical do verbo em estruturas como essas.

5.3. Aspectos semânticos do SN/SP:

Uma outra forma de descrever os tipos de SNs das construções com verbo-suporte encontrados nos *corpora* pesquisados é caracterizá-los semanticamente com base nas categorias *referencialidade* e *individuação*.

A) Referencialidade: esta variável pretende avaliar o grau de referencialidade do SN. De acordo com Neves (2010), quanto mais referencial o nome, mais próxima das construções livres será a construção.

Nas construções com verbo-suporte, em todas as ocorrências analisadas, predominam SNs que representam entidades inanimadas abstratas, conforme se observa nas ocorrências abaixo:

25) *Produtor oscarizado entra para **botar ordem** em Atividade Paranormal 2.* (GN-02)

26) *Que uma bala de espingarda **botou fim** ao previsível impasse de um melancólico sujeito. Que um portador de necessidades especiais, erroneamente chamado ..* (GN-03)

O substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal torna-se o lexema responsável pela predicação da estrutura inteira. Com esse processo de transferência, ele deixa de exercer sua função prototípica de referenciação.

B) A individuação foi o outro traço analisado para descrever o tipo de SN ligado ao Vsup. Identificaram-se 3 graus de individuação, conforme se verifica na tabela a seguir:

Tabela 2: individuação do SN

Grau	Traço [+ individuado]	Sintagma Nominal	
		Nº	%
Grau 01	+ Determinado [artigo definido e/ou pronome possessivo e/ou demonstrativo]	20	6,0%
Grau 02	+/-Determinado [artigo e ou pronome indefinido, ou modificador/inte nsificador]	64	22%
Grau 03	- Determinado	216	72%
	Total	300	

A maioria das construções com verbo-suporte, 72%, incluem-se no grau 3. O SN/SP, nesse grau, apresenta-se sem determinante, modificador ou intensificador, como ilustram as ocorrências (27) e (28):

27) Ele sempre **botou pilha** para eu olhar as notas, ter o prêmio como objetivo pessoal. ... Fernandes (Náutico) não escondiam a satisfação de participar da *festa* (CP 20-10)

28) Parabéns a todos os alunos que compareceram e **botaram em prática** o que aprenderam nesse maravilhoso ano de 1994. Ano que vem tem mais! (GN-07)

Em suma, o SN ligado ao Vsup apresenta-se predominantemente com as propriedades [abstrato] e [-determinado]. Tal resultado evidencia que as construções com verbo-suporte apresentam o SN:

- i) mais integrado ao verbo-suporte;
- ii) menos referencial;
- iii) menos individuado.

Como se pode observar, a parte nominal não se comporta como um argumento do verbo, já que se modificam seus traços de referencialidade e individuação, corroborando com a ideia de que a expressão se encontra num processo de fixação que a diferencia da combinação livre entre verbo e argumento interno.

5.4. Classificação semântica do predicado

Nas CVSup *botar*, o verbo sofre um processo de gramaticalização e, portanto, vê-se, em relação ao seu verbo pleno correspondente, destituído de alguns dos seus traços semânticos originais, sobretudo a capacidade de atribuir o papel semântico de locativo ao seu argumento interno. O verbo torna-se um mero veiculador de informação aspectual e abriga as desinências relativas a informações gramaticais de modo, tempo, número e pessoa.

Por meio da análise das variáveis 4 e 5 (*Tempo e modo verbal e Número e pessoa verbal*) foi possível observar se, na construção *botar* + SN/SP, a predicação verbal é conservada, ou se essa construção restringe alguma propriedade verbal. Para classificar o verbo semanticamente, adota-se a proposta de Chafe (1979), apoiando-nos no dicionário de Borba (1991), que prevê quatro categorias:

- Ação
- Ação-processo
- Processo
- Estado

a) verbos de ação: expressam atividade realizada por um sujeito agente. Podem ter complemento, que se caracteriza por não sofrer nenhuma mudança (de estado, condição ou posição). Caracteriza-se por ser um *fazer* por parte do sujeito: *vou a Santos, Pedro cantou*.

b) verbos de processo: expressam eventos ou sucessão de eventos que atingem um sujeito *paciente, experimentador* ou *beneficiário*. Tem um argumento obrigatório, mas podem chegar a ter três. Caracterizam-se por

ser um *acontecer* ou um *experimental*: *Rosa ganhou uma rosa, o bebê acordou.*

c) verbos de ação-processo: expressam ação realizada por um sujeito agente ou uma causação efetuada por um sujeito causador. Sempre atingem um complemento que sofre mudança de estado, condição ou posição (afetado), ou passa a existir (efetuado). Têm, no mínimo, dois argumentos: *o raio partiu uma árvore, Pedro quebrou o copo.*

d) verbos de estado: expressam uma propriedade (estado, condição, posição) localizada no sujeito que é suporte dessa propriedade ou experimentador ou beneficiário. Têm um argumento obrigatório, inativo: *Tadeu ama Dirce.*

Nas análises realizadas, observa-se que os nomes que o acompanham e que formam a construção com verbo-suporte designam ação, processo e estado, conforme a construção vai se tornando mais abstrata, como ilustram os exemplos abaixo:

29) **Botar a culpa** no sistema é fácil, mas não é justo. Não se pode culpar nem mesmo a Rede Globo. (GN-06)

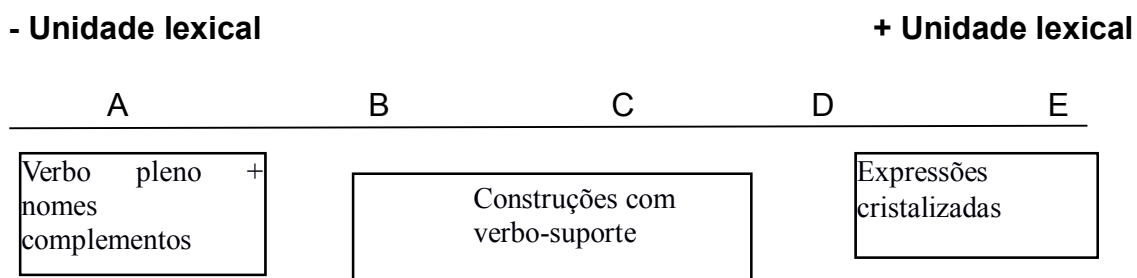
30) Eu **boto fé** de que tudo será melhor no próximo ano. (CP20-08)

31) Cantar de galo nos Aflitos não é mais novidade, entretanto os comandados de Hugo Benjamin precisam **botar banca** em Belo Horizonte. (GE-10)

A ocorrência (29) representa o grau 1 na escala das construções com verbo-suporte. O elemento nominal, semanticamente, caracteriza-se por ser um nome abstrato de ação. Contudo, no grau (2), percebe-se uma abstratização do valor semântico do nome, complemento do verbo *botar*, representando o valor abstrato de estado. Em (31), além da abstratização do complemento do verbo (abstrato de estado), ocorre também a metaforização.

5.5. Graus de fluidez categorial das construções com verbo-suporte *botar*

Conforme foi assumido no capítulo anterior, entre as construções livres e as expressões cristalizadas, encontram-se as construções com verbo-suporte e, dentro dessa categoria, encontram-se construções com graus variados de integração. Portanto, pode haver construções com verbo-suporte mais próximas das construções livres, assim como pode haver, no outro extremo, construções mais próximas das expressões cristalizadas. Partindo do protótipo da construção com verbo-suporte, traçamos três graus de fluidez categorial.



De acordo com os três graus, descrevem-se, a seguir, construções com verbo-suporte *botar* que se situam em diferentes pontos da escala, ora mais próximas das construções livres (ponto A), ora mais próximas das construções cristalizadas (ponto E).

GRAU 1:

O grau 1 situa-se no ponto B da escala, isto é, são construções com verbo-suporte que estão mais próximas das construções livres, e caracterizam-se por apresentarem:

1. Sujeito com o traço + animado/ + causativo (intencional)
2. Classificação semântica da construção- ação
3. Nome abstrato de ação

4. Complemento da construção + animado
5. Noção de transferência metafórica

GRAU 2:

O grau 2 situa-se no ponto C da escala, e nele se encontram construções que se caracterizam por apresentarem:

1. Sujeito com o traço + animado/ + causativo (intencional)
2. Classificação semântica da construção- ação
3. Nome abstrato de estado
4. Complemento da construção + animado/não-animado
5. Noção de transferência metafórica

Nos exemplos (32) e (33), abaixo, diferentemente do grau 1, o verbo se liga a nome abstrato de estado (*defeito/ fé*):

32) A sogra da noiva **botou defeito** na decoração da festa naquela noite (CP20-11)

33) O que é **Botar fé** na juventude para quem é da PJ? De qual juventude estamos falando? A qual fé você está se referindo? (GN-20)

34) O ator **botou defeito** em todos os colegas que participaram do longa. (G-17)

O núcleo do complemento da construção, no grau 2, embora haja ocorrências com o traço animado, também ocorre com o traço inanimado, como em (*na decoração*).

A noção de transferência ainda permanece no grau 2, há um complemento da construção (expresso ou oculto) que é afetado pela ação representada pelo verbo e elemento nominal, como em: *na decoração, na juventude, em todos*.

GRAU 3:

O grau 3 representa as construções que se situam no ponto D da escala, pois estão mais próximas das expressões cristalizadas. Estas construções caracterizam-se, principalmente, pelo N encontrar-se em um grau maior de abstração, sendo metafórico, conforme se verifica a seguir:

34) O homem **botou o maior boneco** pra pagar a conta! (DID-150- PORCUFORT)

35) Ambos chegaram a Hollywood **botando banca**, exigindo autonomia. (DID-46-NORPOFOR)

36) A gravata é italiana que é pra ninguém **botar defeito** no presente de aniversário. (DID-10-NORPOFOR)

Em (34), a construção *botar boneco* encontra-se mais próxima do ponto D da escala pela perda da noção de transferência do elemento verbal, não se trata de *botar boneco em alguém*; o elemento nominal *boneco* não é um nome concreto, referencial (brinquedo), mas um nome abstrato de ação “confusão”.

Assim como em (34), a ocorrência (35), na construção *botar banca*, também se encaixa no ponto D da escala pela perda da noção de transferência do elemento verbal, não se trata de *botar banca em alguém* ou *algum lugar*; o elemento nominal *banca* não representa um nome concreto, referencial (*bancada, mesa*), mas um nome abstrato que significa o mesmo que “pose”, “ostentação”.

Em (36), encontra-se a construção que apresenta uma maior fixação dos elementos integrantes: “*pra x botar defeito em*”. *Botar defeito*, faz parte de uma construção fixa de caráter atributivo.

Podemos resumir os graus que correspondem às extensões de sentido do verbo *botar* de acordo com o quadro abaixo:

Tabela 3- extensões de sentido

Grau	Descrição	Exemplos
Grau 1	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sujeito com os traços + animado/ + causativo (intencional) 2. Classificação semântica da construção- ação 3. Nome abstrato de estado 4. Complemento da construção + animado/não-animado 5. Noção de transferência metafórica 	<p><i>Daqui a pouco vão botar a culpa em mim pelo pouso forçado do avião da Angélica e Luciano Huck.</i></p>
Grau 2	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sujeito com o traço + animado/ + causativo (intencional) 2. Classificação semântica da construção- ação 3. Nome abstrato de estado 4. Complemento da construção + animado/não-animado 5. Noção de transferência metafórica 	<p><i>Eu não botou fé no namoro deles não heim, acho que não vai durar nada.</i></p>
Grau 3	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sujeito com o traço + animado/ + causativo (intencional) 2. Classificação semântica da construção- ação 3. Nome abstrato de estado- metaforização do SN. 	<p><i>Ele sempre botou pilha para eu olhar as notas, ter o prêmio como objetivo pessoal. ... Fernandes (Náutico) não escondiam a satisfação de participar da festa</i></p> <p><i>Foi a única coisa que diferenciou a</i></p>

	<p>4. Complemento da construção: não-animado</p> <p>5. perda da noção de transferência do elemento verbal</p>	<p><i>sua campanha de uma daquelas eleições para coronel nordestino nenhum botar defeito</i></p>
--	---	--

Descrever as expressões com *botar* + sintagma nominal que tenham determinado grau cristalização, como ocorre nas construções no grau 3, requer a compreensão do fenômeno de lexicalização. Lipka (1990; p.95) enfatiza o fato de a lexicalização atingir as expressões linguísticas de forma gradual:

O fenômeno segundo o qual um lexema complexo já formado tende a se tornar uma única unidade lexical 'completa', um lexema simples. Por esse processo, essa unidade perde em maior ou menor grau sua natureza de sintagma.

Segundo o autor, a lexicalização afeta uma forma complexa que já está formada e não é, portanto, o mesmo que formação. A formação de palavras, por sua vez, é um processo sincrônico que inclui, entre outros processos, a derivação (acréscimo de afixos na palavra primitiva – *inútil; claramente*), a conversão (alteração da classe gramatical da palavra primitiva – *jantar* [verbo] > *o jantar* [substantivo]) e a criação de siglas.

5.6. Classificação morfossintática do verbo-suporte

O propósito de descrever a manifestação de categorias gramaticais na análise do verbo *botar* é verificar se está ocorrendo uma neutralização de marcas morfológicas ou se alguma forma está sendo preferida para expressar um determinado uso.

Tempo e modo verbal

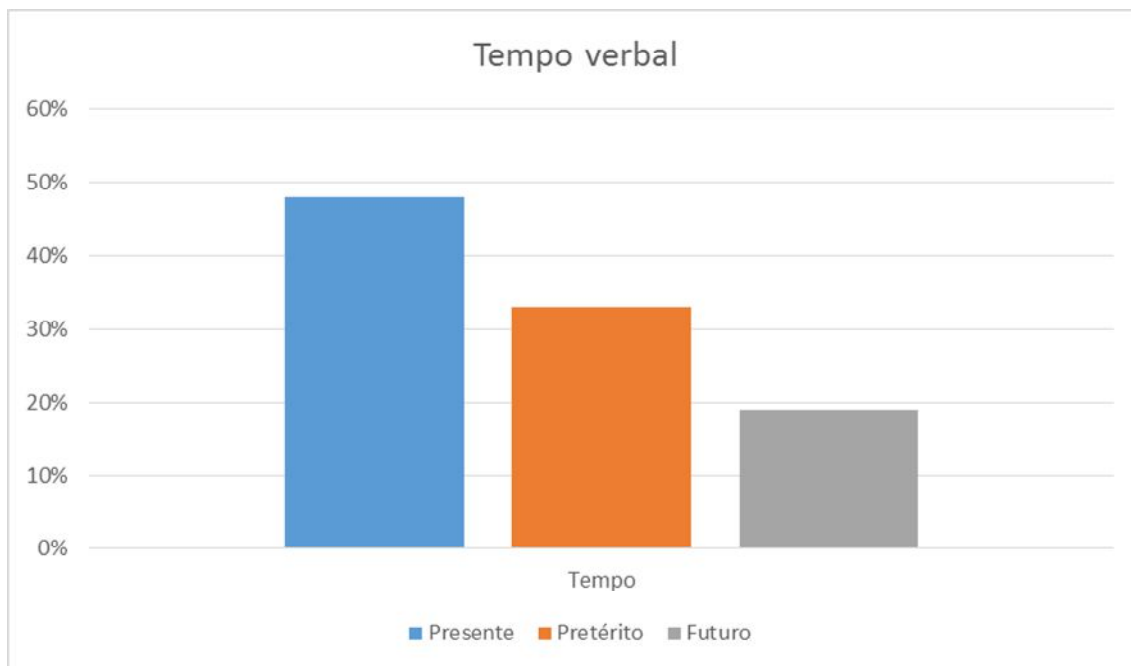
Tempo	Pretérito	Presente	Futuro
Modo	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
Formas nominais	Infinitivo	Gerúndio	Particípio

Número e pessoa verbal

1ª do singular	1ª do plural
2ª do singular	2ª do plural
3ª do singular	3ª do plural

De acordo com as análises realizadas, observou-se que a maioria das construções com verbo-suporte *botar*, ocorrem flexionadas no infinitivo pessoal, presente e pretérito perfeito do modo indicativo, conforme os resultados apresentados no gráfico abaixo:

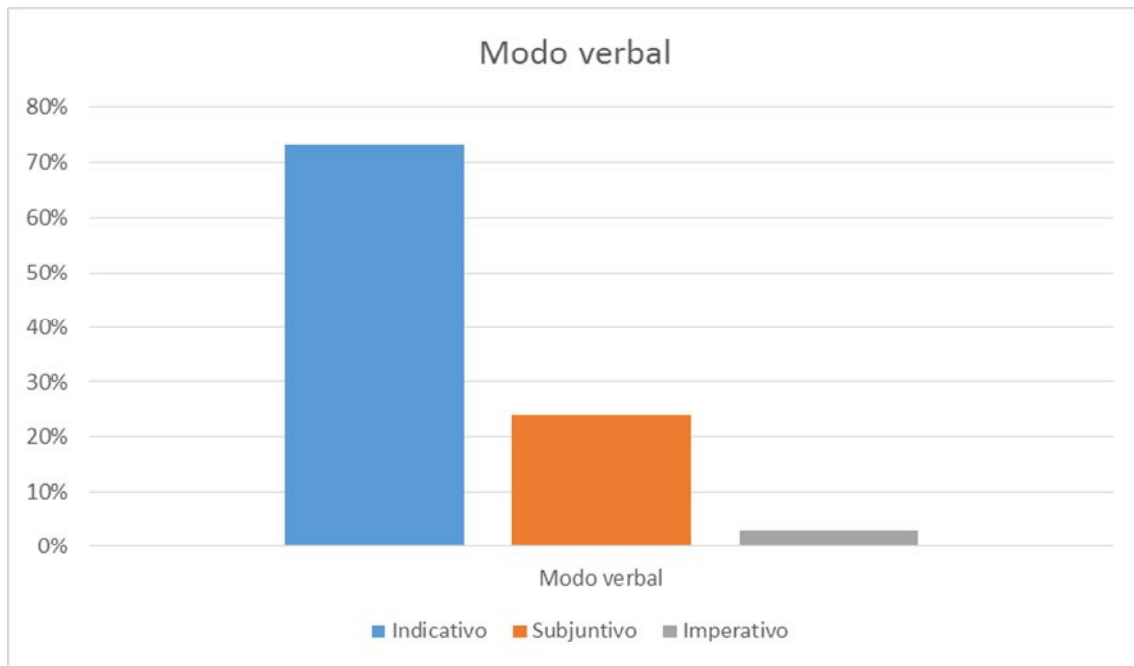
Gráfico 04- tempo verbal



Conforme demonstra o gráfico, a maioria das ocorrências com o verbo-suporte *botar*, 48%, apresenta-se na forma verbal presente. Em seguida, 33%, na forma verbal do pretérito e, em uma quantidade pouco frequente, 19%, a forma verbal de futuro.

Verifica-se, com base nos dados analisados, que há uma maior ocorrência do verbo-suporte *botar* no tempo presente; tal resultado confirma a hipótese de que quanto mais integrados os elementos da construção, maior é o grau de “congelamento” das propriedades morfológicas do verbo, isto é, há uma maior frequência do verbo em apenas um dos tempos verbais e, conseqüentemente, no modo verbal, como se observa a seguir.

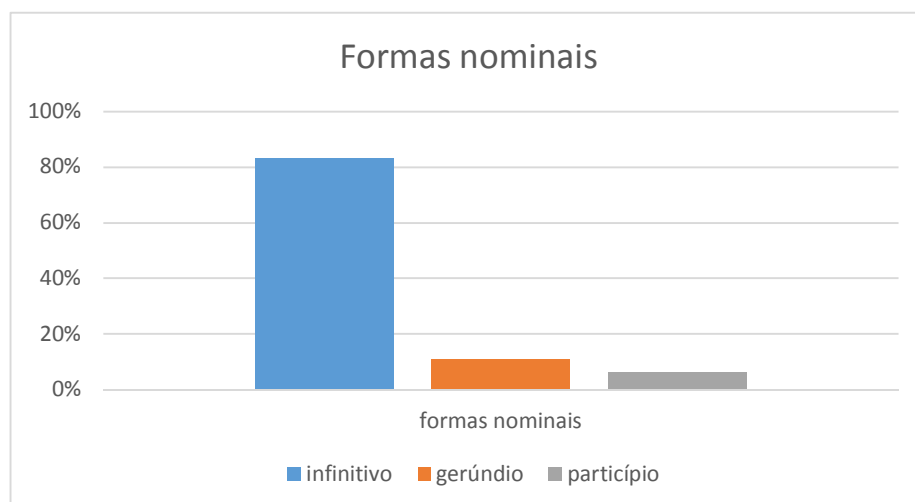
Gráfico 05- modo verbal



Quanto ao modo verbal, o gráfico acima aponta que a forma mais frequente de *botar* é o indicativo, 73%, seguido do modo subjuntivo 24% e, em uma proporção bem menor, o imperativo.

Tais resultados podem sinalizar um processo de gramaticalização da construção com verbo-suporte *botar*, pois a uma significativa frequência desse verbo na forma indicativa e presente, ocorrendo uma diminuição da flexão nos outros tempos e modos verbais.

Gráfico 06- formas nominais



Quanto às formas nominais, a maior frequência ocorreu na forma infinitiva, 83%; em seguida, a forma no gerúndio, 11%. A forma do particípio ocorreu em uma proporção apenas de 6%. Pode-se notar que, nas três categoriais analisadas (tempo, modo, formas nominais), ocorre a predominância de um determinado uso.

Tais resultados não são arbitrários, mas indicam, como foi comentado, um processo inicial de gramaticalização verbal. A repetição de formas e a sua frequência, como defende Bybee (2003), são fatores que sinalizam o processo.

A frequência de uso, nessa perspectiva, pode ser considerada como a desencadeadora de todo o processo, afetando a morfossintaxe e a semântica por promover mudança.

5.7. Análise do verbo-suporte *BOTAR* à luz dos parâmetros de gramaticalização

Pode-se relacionar as análises das construções com verbo-suporte *botar* aos estágios de gramaticalização propostos por Heine *et alii* (1991) e Hopper (1991), é possível desenvolver uma análise mais acurada das categorias depreendidas dos *corpora*:

a) divergência: o uso de *botar* em diferentes categorias, ou seja, uma mesma forma, de acordo com o contexto, pertence à categoria mais lexical de verbo predicador, pleno e à categoria gramatical de verbo-suporte;

b) manipulação conceitual: o sentido transferencial da categoria fonte de *botar* (verbo predicador pleno) é modificado ao longo do processo de gramaticalização e a sua forma mais gramaticalizada (verbo-suporte) chega a indicar uma noção geral de ação/atividade;

c) extensão: além da mudança de sentido na passagem de verbo pleno a suporte, pode ser percebida também, em alguns casos de verbo-suporte analisados que apresentam uma estrutura ambígua, e assumem novos sentidos expressos pelas construções metafóricas, como o caso *botar pilha* com sentido físico (em algum lugar) e com sentido metafórico (em alguém);

c) persistência: o verbo-suporte, apesar de se diferenciar semanticamente da categoria de verbo predicador, conserva a propriedade de interferir na seleção de argumentos ainda que partilhe essa função com o SN e este seja o principal responsável por esse papel;

e) assimetria entre forma e significado: o fato de uma determinada forma ser empregada em um maior número de contextos gera o aumento de sua produtividade e o seu esvaziamento semântico (dessemantização), podendo chegar à mudança categorial (o caso do verbo-suporte).

f) especialização: a categoria de verbo-suporte *botar* especializou-se nas funções de verbalizar nomes e de focalizar a noção geral de atividade.

g) decategorização: segundo Bybee (apud HOPPER, 1991), a decategorização é o termo aplicado ao conjunto de processos pelos quais um substantivo ou verbo perde suas propriedades morfossintáticas no processo de tornar-se um elemento gramatical. A decategorização pode ser observada por uma mudança de propriedade dos verbos-suporte *botar*, em relação ao verbo pleno.

Na decategorização, um item lexical “perde” ou “neutraliza” os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas (função lexical) na condição de verbo-suporte (função gramatical).

h) perda de autonomia: *botar* (no papel de verbo-suporte) liga-se a um SN com o qual forma um predicador complexo, cujos componentes mantêm maior ou menor integração; disso resulta que a forma verbal, além de compartilhar a função de projetar argumentos com o SN, deixa de ser o núcleo semântico da predicação, função exercida pelo SN.

Em suma, podemos afirmar que o processo de gramaticalização do verbo *botar* se dá em dois níveis:

1. Em primeiro lugar a mudança acontece no plano semântico: o verbo sofre perda do seu sentido concreto original de denotar espaço e movimento, passando por contínuas abstratizações. A expressão pode se fixar sintaticamente ou não a depender do seu uso.
2. Sofrendo ou não mudança sintática, a combinação verbo + parte nominal torna-se, por força do uso, uma expressão única correspondente a um verbo. A depender do grau de repetição por parte do falante, essa fixação sintático-semântica aumenta, trazendo consigo mudanças na expressão com um todo.

O verbo sofre “esvaziamento semântico” transferindo sua capacidade de predicação para a parte nominal, que perderá sua função inicial de referencialidade e passará a ser o núcleo da predicação. O verbo se gramaticaliza, sendo responsável somente por funções gramaticais, enquanto o nome será responsável pelo estabelecimento da área temática da construção. À medida que a fixação aumenta, as possibilidades de combinação e de variação sintática diminuem, e a parte nominal deixa de ser um argumento do verbo para ser parte inerente deste.

Síntese conclusiva

Analisaram-se neste capítulo os tipos construções com o verbo-suporte e comportamento sintático-semântico de *botar* ao integrar as construções VSup + SN/SP. Verificaram-se ainda os graus de comportamentos sintático-semântico dentro do verbo-suporte *botar*, e os vários tipos de construções que se encontram dentro de uma mesma categoria. Demonstrou-se ainda que, entre as construções livres e as expressões cristalizadas, encontram-se as construções com verbo-suporte e, dentro dessa categoria, verificou-se que há construções com graus variados de integração. Portanto, identificaram-se construções com verbo-suporte mais próximas das construções livres, assim como, no outro extremo, construções mais próximas das expressões cristalizadas.

6. A FREQUÊNCIA DO ITEM *BOTAR* EM CONTEXTOS DE USO

Descrever a categoria de verbo-suporte exige que se analisem as situações reais de uso da língua, pois é no enunciado, produzido no contexto realizado, na situação comunicativa, onde se podem verificar as regularidades de que se deve ocupar a análise. As regularidades encontradas, conforme se discutiu no capítulo anterior, permitiu-se chegar a três graus, em uma escala de prototipia, de construções de verbo-suporte, evidenciando que tratar esta categoria de forma compartimentada e engessada, abstrai o uso efetivo da língua, pois é no uso que ocorrem as variações de estruturas.

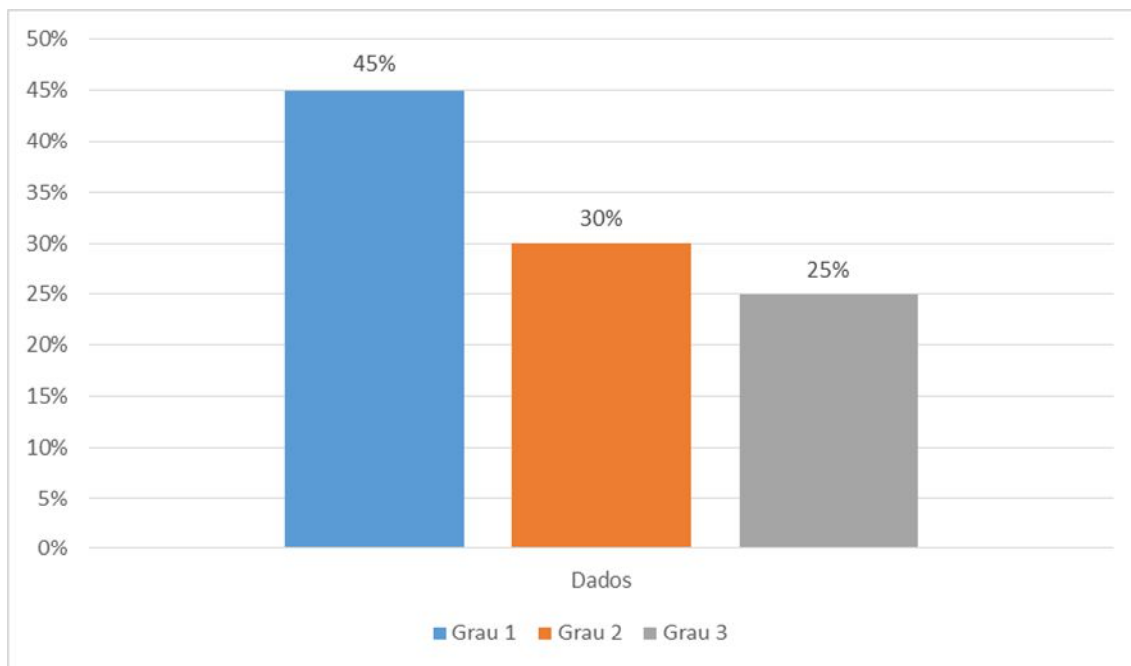
Levando-se em consideração as situações de uso, optou-se por observar a frequência das construções com o verbo-suporte *botar*, em seus diferentes graus no contínuo entre as construções livres e as expressões cristalizadas.

Partiu-se, então, do pressuposto funcionalista de que a língua não é objeto independente da situação de uso, já que a organização das formas linguísticas refletirá certo papel discursivo e funcional de acordo com a necessidade de seu usuário.

6.1. Distribuição geral dos dados

Destaca-se, a seguir, a distribuição geral dos dados pelos graus de integração das construções com verbo-suporte *botar* encontrados nos *corpora* adotados nesta pesquisa.

Gráfico 4: Distribuição geral dos dados



De acordo com os dados apresentados no gráfico 4, o *verbo-suporte botar* é mais frequente no grau 1, envolvendo 45% dos dados. Em segundo lugar, em termos de produtividade, está o grau 2 de integração, representado em 30% da amostra. E por último, com 25% das ocorrências, há o grau 3 de integração. Observa-se que, nas categorias em que as CVSup ocorrem mais próximas das construções livres, a produtividade de uso é maior, enquanto na categoria em que *botar* revela comportamento mais gramatical, a frequência de uso é menor (grau 3).

Tais resultados revelam que esse item verbal está ainda num processo inicial de gramaticalização, pois é menor a frequência de *botar* no grau 3, onde há uma maior fixação dos elementos que integram a construção e maior abstração do SN. Dessa forma, entende-se que as unidades linguísticas partem do sentido mais concreto (+concreto/ +referencial) ao mais abstrato (+abstrato/-referencial) no *continuum* na escala de gramaticalização.

Segundo Bybee (2003), não são os itens lexicais que se gramaticalizam, mas as construções a que pertencem, ou seja, as construções deixam de ser combinações casuais para serem fixas e regulares na gramática. De acordo com o exemplo abaixo, pode-se observar que, na ocorrência (37), trata-se de

uma construção de grau 3 mais fixas, “*pra não-X botar defeito*”, aproximando-se das construções cristalizadas.

37) Londrina, o mau tempo no fim de semana, chuva **pra ninguém botar defeito**, foi o responsável pelo adiamento da competição feminina dos jogos do Torneio Senior de Golf. (DID-81-NORPOFORT)

Por rotinização, a construção *pra x botar defeito* tornou-se mais fixa, o verbo *botar* ocupa uma posição determinada e, nesse tipo de construção, aparece flexionado apenas no infinitivo.

Não se pode afirmar que o verbo *botar*, nesta pesquisa, isoladamente, represente um caso de gramaticalização, mas, de acordo com o seu comportamento sintático-semântico que apresenta nas construções que o integra, isto é, a construção como um todo colabora para o estatuto de maior gramaticalidade do item, visto que este não se gramaticaliza por si só, mas devido a condições ligadas ao seu comportamento em relação ao contexto que a ele se vincula e a características próprias desse elemento.

Quanto ao enfraquecimento semântico, Bybee (2003) observa que a frequência de uso leva ao enfraquecimento de uma forma pelo hábito: formas tornam-se mais gerais e mais abstratas no significado. Dessa forma, *botar*, na categoria de verbo-suporte, passa por um processo de abstratização, perde a sua natureza de verbo predicador, passando essa função a ser exercida pela construção verbo + elemento nominal; perde ainda parte de seu valor semântico-lexical, e o elemento nominal, como *firmou-se*, também passa por esse processo de abstratização, perdendo seu valor referencial, conforme se afirmou anteriormente.

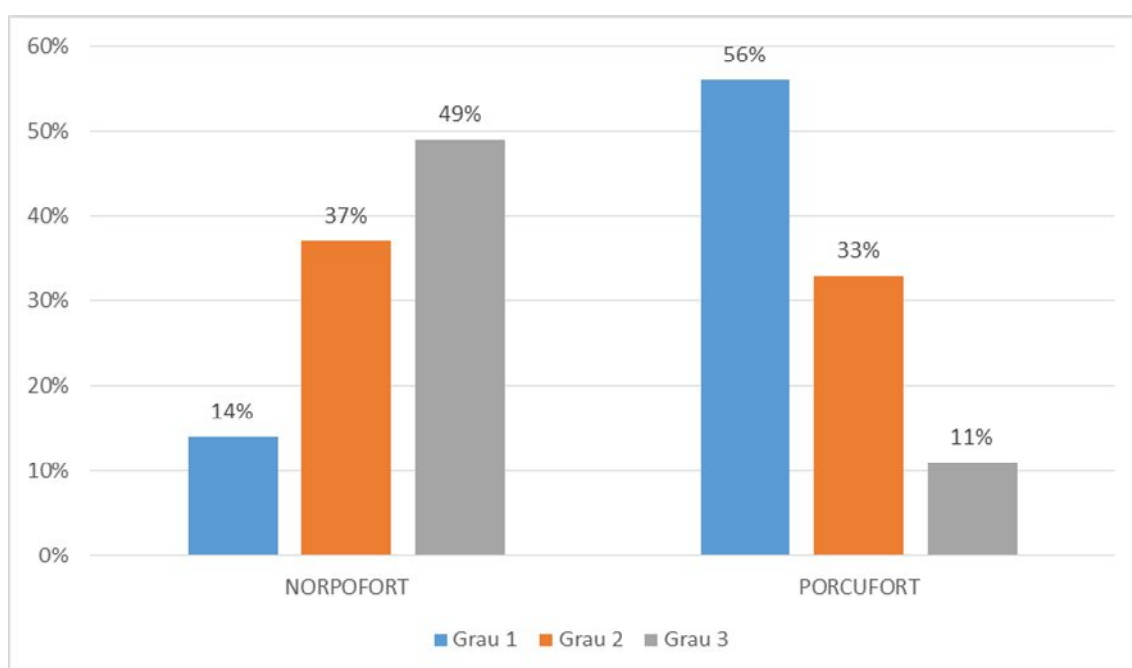
A distribuição dos dados relativos ao uso de *botar* nos graus de pertencimento à categoria de verbo-suporte revela que há maior frequência de ocorrência de *botar* no grau 1, que se caracteriza apenas por um processo de extensão semântica que favorece a expansão de uso desse verbo. Desse modo, verificamos que *botar* encontra-se num estágio inicial de gramaticalização. Em (38) a construção *botar defeito*, grau 1, situa-se mais próxima das construções livres a noção de transferência ainda é observável, contudo o SN é um objeto abstrato, não referencial.

38) se você tem passado horas usando a velha tática de **botar culpa** em todos (MH/LT)

6.2. Distribuição dos dados por norma popular e norma culta de Fortaleza

Para a investigação da produtividade das categorias funcionais em função das modalidades expressivas, procedemos a um levantamento da frequência de *botar* nos dados do NORPOFOR e do PORCUFORT.

Gráfico 6: frequência do item *botar* no NORPOFOR e PORCUFORT



Observando-se os resultados do gráfico acima, que registra como se organizam as predicções com o verbo *botar* coletadas de textos orais pertencentes do português culto (PORCUFORT) e popular de Fortaleza (NORPOFOR), percebe-se que, em 20 inquéritos analisados em cada *corpus*, as construções com o verbo *botar* que apresentam um grau maior de integração (grau 3) são mais frequentes na norma popular, confirmando-se assim a hipótese de que o processo de gramaticalização inicia-se

primeiramente na norma popular, onde há um menor monitoramento da fala pelo sujeito.

O grau 3 e o grau 1 ocorrem em proporções inversas nas modalidades analisadas, evidenciando que, quanto menos monitorada é a fala, maior a ocorrência de expressões mais fixas.

Podemos afirmar, ainda, que o fato das construções mais integradas (grau 3) serem mais frequentes na variedade popular se deve, também, às pressões geradas pela situação comunicativa, isto é, essas construções são mais frequentes na fala coloquial:

(39) “a menina botou maior banca pra ir morar na casa dos avós” (DID-21-NORPOFORT)

(40) “*entrou na festa e botou maior boneco a noite toda, com muita confusão e bebedeira.*” (DID-32-NORPOFORT)

Nessas ocorrências (39) e (40), observam-se efeitos pragmáticos, especialmente, pela natureza particular do nome complemento *banca* e *boneco*. Estes nomes caracterizam-se por situações informais, sendo que *banca*, em (39), não corresponde ao nome concreto (*mesa rústica ou improvisada, ger. um estrado sobre cavaletes, em que feirantes, mercadistas, camelôs etc. expõem suas mercadorias.* (HOUAISS, 2003), mas é um nome abstrato com sentido de “dificuldade”, “pose”. Em (40), *boneco* não é o nome concreto, *brinquedo*, mas a ideia de *confusão*. Nenhum dos efeitos pragmáticos obtidos pelo uso desses nomes se recuperaria em construções ou verbos correspondentes (*dificultar, causar confusão*). A tabela 4 expõe os resultados referentes a frequência do verbo *botar* na normal popular e na norma culta de Fortaleza.

Tabela 4: frequência do item *botar* por modalidade expressiva

Categorias funcionais de <i>botar</i>	Norma popular	Norma culta
Grau 1	14%	56%
Grau 2	37%	33%

Grau 3	49%	11%

Os dados revelam que, na norma popular, houve uma maior ocorrência do verbo-suporte *botar* na categoria de grau 3 (49%), contudo não havendo uma diferença significativa em relação à categoria de grau 2 (37%). Em menor frequência, observa-se a ocorrência do verbo nas categorias de grau 1 (14%), evidenciando que esse verbo está em um processo inicial de gramaticalização, pois quanto maior a informalidade relativa ao uso de uma norma, mais frequentes são as ocorrências de construções com verbo-suporte mais estereotipadas.

No português oral culto de Fortaleza, constatou-se uma frequência menor do verbo *botar* na categoria de grau 3, confirmando a hipótese de que o processo de gramaticalização é mais lento na modalidade culta, embora, mesmo em menor quantidade, já haja indícios de gramaticalização. De acordo com os dados analisados, verificou-se que a frequência do verbo *botar* na categoria de grau 1 é maior (56%) em relação à categoria de grau 2 (33%), apontando um indício de gramaticalização ainda incipiente, assim como na norma popular.

Em um contexto de norma popular, onde há um menor monitoramento da fala, a frequência do verbo *botar* é maior em relação a um contexto de norma culta de uso da língua. Desse modo, pode-se observar que a gramática não constitui um sistema fechado, mas, sim, um sistema dinâmico, suscetível às mudanças e diretamente afetado pela língua em uso. Os falantes promovem mudanças constantes de acordo com o contexto onde estão inseridos.

6.3. Distribuição dos dados por gênero notícia e teses acadêmicas

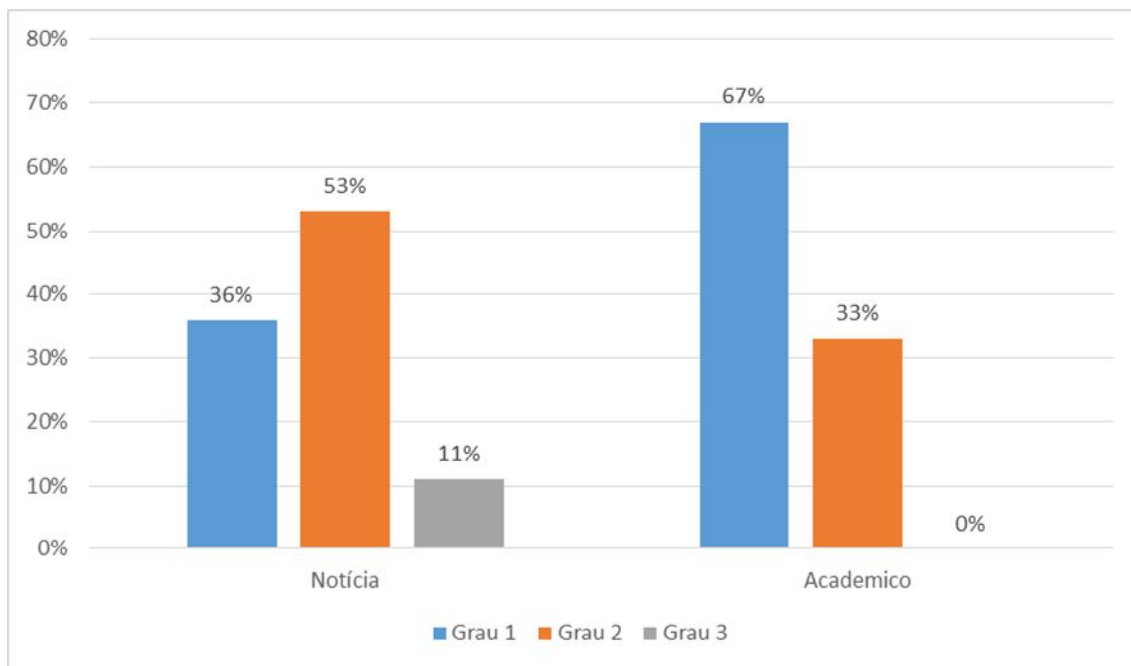
Para a investigação da produtividade das categorias funcionais em função dos discursos jornalístico e acadêmico, procedeu-se a um levantamento da frequência das construções com verbo-suporte *botar* em notícias *online* e no

banco de teses e dissertações da Capes. Convém lembrar que as notícias e os trabalhos acadêmicos foram retirados da *internet* de forma aleatória, utilizando-se a ferramenta de busca por meio de páginas eletrônicas disponíveis no buscador *Google*.

Segundo Bally (1952), é a necessidade de comunicação, que ele chama de “expressividade na linguagem”, que motiva as mudanças linguísticas. Sob duas tendências opostas, essas mudanças se dão de forma coletiva e inconsciente. A primeira tendência é a expressiva, que enriquece a linguagem por meio de elementos novos, provenientes da afetividade e da subjetividade, formando a linguagem corrente do dia a dia. A segunda é a tendência intelectual que elimina os aspectos do pensamento que são obscuros e estranhos, dando origem à linguagem científica. Para o autor, é a tendência expressiva a de maior força na atuação de mudança do sistema linguístico, uma vez que as necessidades da vida se mostram mais determinantes.

Não se pode negar a relevância das necessidades expressivas na efetivação dos processos de gramaticalização, a motivação para a gramaticalização encontra-se nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas já existentes, assim como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não há designações linguísticas adequadas. A partir do gráfico 07, se pode verificar os resultados da análise da frequência do verbo-suporte *botar* realizada nos gêneros notícia e tese acadêmica:

Gráfico 7: produtividade das construções com *Vsup botar* nos gêneros notícia e acadêmico.



Verifica-se que, no gênero jornalístico⁶ e no gênero acadêmico, não há uma diferença significativa em relação à frequência dos graus descritos, evidenciando que o processo de gramaticalização na modalidade mais formal (teses acadêmicas) é mais lento do que na modalidade menos formal (textos jornalísticos). A categoria de grau 2, no gênero notícia, ocorre com uma frequência maior, destacando que, na escrita, o grau de fixação dos elementos da construção com verbo-suporte é menor.

Já no gênero acadêmico, a ocorrência tem uma frequência maior do que no gênero notícia, evidenciando que, na escrita mais formal, as construções com verbo-suporte mais livres são mais frequentes, não foram observadas, nas teses acadêmicas, ocorrências com verbo-suporte na categoria 3. Tal resultado se deve ao fato de que muitas das estruturas com *botar* carregam traços de informalidade, como vemos em (41)-(42) adiante. Supõe-se, portanto, que a natureza menos informal do gênero notícia faz com que os autores recorram a diversas formas perifrásticas para atingir as nuances de sentido, que possivelmente não alcançariam se usassem apenas os verbos plenos equivalentes a essas construções.

⁶ As notícias encontradas no site de busca *Google* são, em sua maioria, de caráter informal, relacionadas a assuntos de entretenimento: cinema, esporte, televisão, famosos, etc.

(41) Agora, não vai ser fácil *botar* em prática as novas medidas. No papel, o Estatuto do Torcedor é perfeito, e estádio, o ministro tem razão, deveria mesmo ser ... (Google-<http://www.portalms.com.br/noticias/detalhe>)

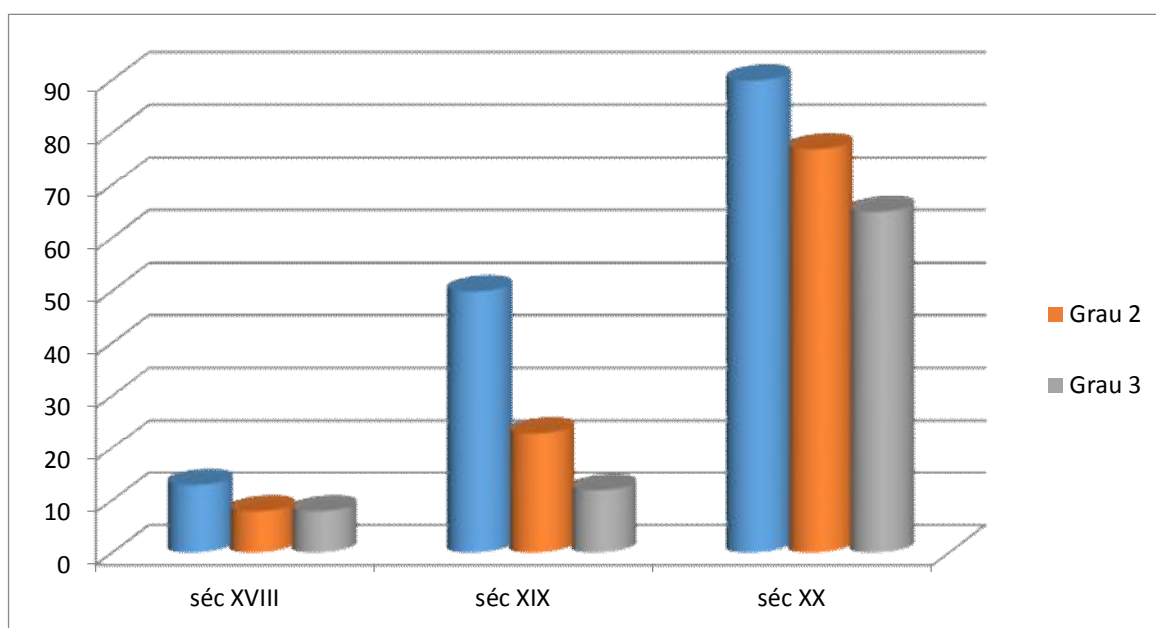
(42) O negócio é **botar pressão**, brigar mesmo, senão, a obra não sai – adverte ele. – Associação de moradores é muito mais ouvida pelos órgãos do governo do que os próprios moradores. (Google- <http://jbonline.terra.com.br/pextra>)

É pertinente afirmar que a maior frequência do uso das construções com um grau maior de fixação (grau 3) no gênero notícia está associada aos seus efeitos discursivos, como também defende Neves (2003), as construções são mais versáteis discursivamente, a exemplo das ocorrências *botar banca* e *botar pilha*, a escolha dessas construções evidencia a busca por sentidos particulares, explicando-se por necessidades ou ganhos funcionais. As construções podem garantir também melhor adequação comunicativa, como exemplifica a escolha pela ocorrência *botar pilha*– mais informal, em detrimento de *incentivar*– mais formal).

6.4. Distribuição dos dados pelos séculos XVIII, XIX e XX

Para observarmos o *continuum* relativo ao verbo *botar*, fizemos uma análise diacrônica a partir do recorte do século XVIII a XX.

Gráfico 8: frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX



Após uma análise quantitativa do uso de *botar* nesses séculos, constatamos que há um aumento da frequência com o verbo-suporte *botar* ao longo dos séculos. Foram coletadas 24 ocorrências desse item verbal na função de verbo-suporte nos dados do século XVIII, 85 ocorrências no século XIX e, nos dados do século XX, percebemos um aumento significativo no uso desse item, que chega a 232. Tal fato confirma que esse verbo está em processo de gramaticalização contínuo, o que nos leva a lembrar que, de acordo com Bybee (2003), a frequência de uso dos itens ou construções aumenta radicalmente conforme a gramaticalização se desenvolve, graças ao aumento dos tipos de contexto nos quais o novo item ou construção se torna apropriado. Os significados e funções de um item não são fixos e categóricos, ou seja, variam gradualmente com o tempo, conforme podemos observar de acordo com a tabela abaixo.

Tabela 5: frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX

Categorias funcionais de <i>botar</i>	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Grau 1	70%	51%	34%
Grau 2	25%	37%	40%
Grau 3	5,0%	12%	26%

Conforme registrado na tabela acima, é mais significativa a produtividade de emprego de *botar* nas categorias de grau 1 nos séculos XVIII e XIX, contudo no século XX há uma diminuição na frequência de uso das construções com verbo-suporte *botar* neste mesmo grau, mas o aumento na frequência das construções de grau 2 e 3. Conforme o processo de gramaticalização avança, há, conseqüentemente, o aumento da categoria na função mais gramatical, justificando, desse modo, o aumento na frequência de uso da construção com verbo-suporte grau 3 nos séculos XIX e XX.

Tal interpretação pauta-se ainda na hipótese de que o emprego bastante produtivo de um item em diferentes contextos e, portanto, com diferentes

comportamentos sintático-semânticos, pode gerar esvaziamento semântico do elemento e a conseqüente transferência categorial (a passagem de *botar* de uma categoria lexical de verbo predicador para a categoria de verbo-suporte [+gramatical]).

Síntese conclusiva

Identificaram-se neste capítulo três graus, em uma escala de prototipia, de construções de verbo-suporte, evidenciando que tratar esta categoria de forma compartimentada e engessada, abstrai o uso efetivo da língua, pois é no uso que ocorre a variação da estrutura.

De acordo com os dados gerais apresentados, o verbo-suporte *botar* é mais frequente no grau 1, envolvendo 45% dos dados. Em segundo lugar, em termos de produtividade, está o grau 2 de integração, representado em 30% da amostra. E, por último, com 25% das ocorrências, há o grau 3 de integração. Observou-se ainda que, nas categorias em que as CVSup ocorrem mais próximas das construções livres, a produtividade de uso é maior, enquanto na categoria em que *botar* revela comportamento mais gramatical, a frequência de uso é menor (grau 3).

Com relação às normas popular e culta, percebeu-se que, em 20 inquéritos analisados em cada corpus, as construções com o verbo *botar* que apresentam um grau maior de integração (grau 3) são mais frequentes na norma popular, confirmando-se assim a hipótese de que o processo de gramaticalização inicia-se primeiramente na norma popular, onde há um menor monitoramento da fala pelo sujeito.

Sobre os gêneros analisados, a maior frequência do uso das construções com um grau maior de fixação (grau 3) no gênero notícia está associada aos seus efeitos discursivos.

Na análise dos séculos XVIII, XIX e XX, observou-se que é mais significativa a produtividade de emprego de *botar* nas categorias de grau 1 nos séculos XVIII e XIX, contudo no século XX há uma diminuição na frequência de uso das construções com verbo-suporte *botar* neste mesmo grau, mas o

aumento na frequência de grau 2 e 3. Conforme o processo de gramaticalização avança, há, conseqüentemente, o aumento da categoria na função mais gramatical, justificando, desse modo, o aumento na frequência de uso da construção com verbo-suporte grau 3 nos séculos XIX e XX.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolveu-se esta pesquisa com os objetivos gerais de descrever e analisar as propriedades sintático-semânticas do verbo-suporte *botar* e avaliar o uso deste verbo relacionado aos graus de pertencimento à categoria de verbo-suporte, considerando a concepção funcionalista de que a língua é instrumento de interação social, destacou-se a influência do contexto comunicativo nas escolhas dos itens linguísticos.

A falta de um consenso dos autores no que se refere à definição da categoria de verbo-suporte, deixadas em suspenso por obras da literatura, permearam os interesses deste trabalho. Desse modo, iniciou-se a discussão em torno da definição de verbo-suporte e verificou-se que os termos correntes na literatura *verbos leves*, *verbos funcionais*, *verbos suportes*, na realidade, não são semelhantes, mas correspondem a realidades linguísticas diferentes.

A investigação criteriosa sobre as propriedades de seleção de *botar* e seu comportamento sintático-semântico em construções *botar* + SN contou com dados pertencentes a *corpora* escritos e orais, fato que forneceu subsídios para se descreverem diferentes empregos de *botar* nesse tipo de estrutura e, assim, se delinear uma cadeia de gramaticalização de *botar* na categoria de verbo-suporte. Demonstrou-se que a gramaticalização é o processo responsável pela transferência categorial gradual de *botar* ao passar pelos três níveis de gradiência identificados nas análises. Neste *continuum*, sobressai o parâmetro de persistência (HOPPER, 2001), segundo o qual, durante esse processo, o item manifesta traços da forma fonte e da forma alvo, o núcleo sintático-semântico da predicação, e como verbo-suporte, forma gramatical que compartilha a função predicante com o SN.

Ao pertencer à categoria de verbo-suporte, o verbo *botar* constitui mais um recurso do sistema (cf. parâmetro de estratificação), além de morfemas formadores de verbo, para derivar “unidades verbais” a partir de nomes, para verbalização.

Nesta pesquisa, destacamos ainda propriedades do comportamento sintático-semântico do verbo-suporte *botar* que podem ser vistas, pelo

aproveitamento de critérios, a partir do enfoque dos Parâmetros de Gramaticalização, que possibilitaram chegar à conclusão de que o verbo-suporte *botar* apresenta características de palavras gramaticais, conforme a seguir:

1) o verbo perde a autonomia semântica, ou seja, não exprime os sentidos de movimento espacial como verbo pleno *botar*;

2) as funções sintáticas de sujeito e objeto passam a depender intrinsecamente do Npred;

3) em relação ao valor lexical, o Vsup contribui com pouca ou nenhuma informação para a oração, porque pode reduzir-se sem que o conteúdo global da oração se altere, pois o sentido da informação veiculada se concentra no nome;

4) há uma transferência do núcleo predicativo do verbo para o constituinte nominal, que passa a funcionar como Npred;

5) o verbo-suporte passa a ter como característica um sentido mais gramatical, decorrente dos processos de criação de construções com novos sentidos, em uso no português do Brasil;

Um outro ponto de atenção que foi discutido nesta pesquisa foram os graus de fluidez categorial do verbo-suporte *botar*. Conforme foi assumido, entre as construções livres e as expressões cristalizadas, encontram-se as construções com verbo-suporte e, dentro dessa categoria, verificou-se a existência de construções com graus variados de integração. Portanto, há construções com verbo-suporte mais próximas das construções livres, assim como, no outro extremo, construções mais próximas das expressões cristalizadas. Partindo do protótipo da construção com verbo-suporte, traçaram-se três graus de fluidez categorial com base nos seguintes critérios:

1. Sujeito com o traço animado/causativo
2. Classificação semântica da construção- ação
3. Nome abstrato de ação
4. Complemento da construção + animado
5. Noção de transferência metafórica

O grau 1 foi identificado como as construções com verbo-suporte que estão mais próximas das construções livres. O grau 2 caracteriza-se por representar as construções com verbo-suporte mais prototípicas e, por fim, o grau 3, aquelas que estão mais próximas das expressões cristalizadas.

Destacam-se os seguintes resultados em relação à frequência de ocorrência do verbo-suporte *botar*:

i) os resultados das análises revelam que, na norma popular, houve uma maior ocorrência do verbo-suporte *botar* na categoria de grau 3 (49%), contudo não havendo uma diferença significativa em relação à categoria de grau 2 (37%). Em menor frequência, observa-se a ocorrência do verbo nas categorias de grau 1 (14%), evidenciando que esse verbo está em um processo inicial de gramaticalização, pois quanto maior a informalidade relativa ao uso de uma norma, mais frequentes são as ocorrências de construções com verbo-suporte mais estereotipadas.

ii) No português oral culto de Fortaleza, constatou-se uma frequência menor do verbo *botar* na categoria de grau 3, confirmando a hipótese de que o processo de gramaticalização é mais lento na modalidade culta, embora, mesmo em menor quantidade, já haja indícios de gramaticalização. De acordo com os dados analisados, verificou-se que a frequência do verbo *botar* na categoria de grau 1 é maior (56%) em relação à categoria de grau 2 (33%), apontando um indício de gramaticalização ainda incipiente, assim como na norma popular.

iii) Verificou-se que, no gênero jornalístico e no gênero acadêmico, não há uma diferença significativa em relação à frequência dos graus descritos, evidenciando que o processo de gramaticalização na modalidade mais formal (teses acadêmicas) é mais lento do que na modalidade menos formal (textos jornalísticos). A categoria de grau 2, no gênero notícia, ocorre com uma frequência maior, destacando que, na escrita, o grau de fixação dos elementos da construção com verbo-suporte é menor.

iv) Após uma análise geral de ocorrências dos séculos XVIII, XIX e XX, constatamos que há um aumento da frequência do verbo *botar* ao longo dos séculos. Verificou-se que é mais significativa a produtividade de emprego de

botar nas categorias de grau 1 nos séculos XVIII e XIX, contudo no século XX há uma diminuição na frequência de uso das construções com verbo-suporte *botar* neste mesmo grau, mas o aumento na frequência de grau 2 e 3. Conforme o processo de gramaticalização avança, há, conseqüentemente, o aumento da categoria na função mais gramatical, justificando, desse modo, o aumento na frequência de uso da construção com verbo-suporte grau 3 nos séculos XIX e XX.

Analisou-se ainda o fenômeno de gramaticalização por que esse verbo passa. Por meio de uma análise qualitativa dos *corpora*, observou-se que as estruturas complexas com *botar* reúnem construções cujos componentes (verbo-suporte + elemento não-verbal) apresentam níveis de integração. A descrição dos dados explicitou que o verbo-suporte *botar* pode fazer parte tanto de estruturas mais integradas quanto de estruturas menos integradas, conforme essas construções se aproximam ou se distanciam do protótipo de uma construção com verbo-suporte.

Esta tese fornece contribuições nos seguintes aspectos:

- i. Teórico-metodológico, no que diz respeito (a) à possibilidade de uma categoria linguística poder ser descrita em perspectiva escalar e não-discreta; (b) à relação existente com outros itens linguísticos, levando-se em conta as dimensões estrutural, semântica e discursivo-pragmática; e (c) à formação e expressão de predicadores complexos.
- ii. Descritivo, ao registrar os empregos de *botar* e estabelecer as características pertencentes a cada função exercida por esse item verbal, mediante uma variedade de *corpora*.
- iii. Explicativo, ao interpretar as predicções com *botar*, bem como procurar traçar a rede de relações entre as extensões de sentido desse verbo e estabelecer diferentes níveis de gradiência.

No que se refere aos estudos já existentes, esta pesquisa contribui para melhor apreciação do verbo em análise na língua portuguesa, principalmente quanto à definição da categoria de verbo-suporte, traçando um conceito operacional dessa categoria. Além disso, torna-se relevante por haver poucos

estudos acerca desse item verbal, o que faz com que essa investigação seja uma fonte a mais para pesquisas com itens verbais afins.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Lígia Maria de Melo. **Contribuição para o estudo das nominalizações com o verbo suporte ter.** Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa). Universidade de Lisboa, 1987.

ASSIS, K. L. P. de. **Dar/Fazer/Ter queixa: queixar-se? A alternância entre construções perifrásticas e verbos plenos correspondentes.** Tese (Doutorado em Letras Vernáculas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Athayde, M. F. **Construções com verbo-suporte (funktionsverbgefüge) do português e do alemão.** In Cadernos do CIEG Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos. n. 1. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra, 2001.

BAPTISTA, Jorge. **Sintaxe dos nomes predicativos construídos com o verbo-suporte SER.** Tese (Doutorado). Universidade do Algarve, 2001.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical.** 7ª. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BATES, E. & MACWHINNEY, B. **A Functionalist Approach to the Acquisition of Grammar.** In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). *Functionalism in Linguistics.* Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 209-263).

BECHARA, Evanildo. **Gramática Funcional: natureza, funções e tarefas.** In: M. H. M. N.(org.). *Descrição do Português II.* Publicação do Curso de Pós-Graduação e Língua Portuguesa, Ano V, n.1, UNESP-Campus Araraquara, 1991.

_____. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza. **Unidades Complexas do Léxico.** p. 747-757. Disponível em: [http:// ler.letras.up.pt](http://ler.letras.up.pt) Acesso em: 15 jul.2013.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil.** São Paulo: UNESP, 1990.

_____. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRINTON, L. J e TRAUGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. 207 pp. Paperback.

BRITO, A. M. e OLIVEIRA, F. 1997. **Nominalization, aspect and argument structure**. In: G. Matos (Ed.). *Interfaces in linguistic theory*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, Edições Colibri, 57-80.

BUSSE, Winfried. **Dicionário sintáctico de verbos portugueses**. Coimbra: Almedina, 1994.

BYBEE, Joan & HOPPER, Paul. **Introduction to frequency and the emergence of linguistic structure**. In: BYBEE, Joan & HOPPER, Paul (eds). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

CASTILHO, Ataliba de. **A gramaticalização**. *Estudos Linguísticos e Literários* 19: p. 25-63, 1997.

_____. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHACOTO, Lucilia. **Predicados nominais com fazer no português medieval**. In: *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Colibri: Lisboa, 1997.

_____. **O verbo fazer em construções nominais predicativas**. Tese (Doutorado). Universidade do Algarve, 2005. COSTA, Sérgio Roberto.

CUNHA, C. e CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DALADIER, A. **Problèmes d'analyse d'un type de nominalization em français et de certains groupes nominaux complexes**. Paris: LADL. Thèse de 3ème cycle.

DAVIES, Mark e FERREIRA, Michael J.. **Corpus do português**. 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportuguês.org>.

DILLINGER, M. **Forma e função na linguística**. DELTA, v.7, n.1, 1991, p. 395-407.

DUARTE, I. Verbos leves. In: M. H. Mateus et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

DUARTE, Inês, Anabela Gonçalves e Matilde Miguel. **Verbos leves com nomes deverbais em português europeu**. In: Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL, 2006, p. 315 – 328

_____. **Propriedades predicativas dos verbos leves dar, ter e fazer: estrutura argumental e eventiva**. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), 2006. Disponível em: <Http://www.clul.ul.pt>. Acesso em: 15 de outubro de 2012.

DIK, Simon C.. **Functional grammar**. Cinnaminson. USA: Foris, 1978.

_____. **Some Principles of Functional Grammar**. In: R. DIRVEN & V. FRIED (eds.). **Functionalism in Linguistics**. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p.81-100.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. **The Discourse Basis of Ergativity**. *Language*, v. 63, p. 805-855, 1987.

ESTEVES, G. A. T. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

FERREIRA, Ediene Pena. **Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo pancrônico do verbo chegar**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FORTUNATO, I. V. **Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte**. Domínio de Linguagem, Ano 3, nº 1 – 1º Semestre 2009.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo, Contexto, 2009, p. 157-176.

GIVON, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam /Philadelphia, John Benja inmis Punblishing Company, 1995.

Gross, G. **Les constructions converses du français**. Genève: Droz, 1989.

Gross, M. **“Méthodes en syntaxe”**, Paris: Hermann, 1975.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar** Baltimore Edward Arnold,1985.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike. e HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**.Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul. J. **Emergent Grammar**. Berkely Linguistic Society, v.13, 1987.p.139-157.

_____. **On Some Principles of Grammaticization**. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.) Approaches to grammaticalization, vol 1. Amsterdam: Jhn Benjamins Publishing Company, 1991.

_____e TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. e BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. Contexto: São Paulo, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M.. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. 236

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e a sua estrutura**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

LAPORTE, Éric. **Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxicogramática**. Tradução do francês: Francisco Antônio P. Léllis. In: Revista (Con)textos Linguísticos, v. 2, p. 26-51, 2008.

_____.PACHECO, Wagner. L. **Descrição do verbo cortar para o processamento automático de linguagem natural**. In: LAPORTE, Éric. Dialogar é preciso. Linguística para o processamento de línguas. Vitória PPGEL/UFES, 2013. p. 165-175.

_____. SMARSARO, Aucione; ROCHA, Lúcia. H. P. da. Um recurso linguístico para o processamento automático de linguagem natural: descrição do verbo passar. In:CARMELINO, Ana C. (org.). **Questões linguísticas diferentes abordagens**. Vitória, PPGEL/UFES, 2012. p. 141-156.

LECLÈRE, Christian. **Remarques sur les substantifs opérateurs**. *Langue française*, v. 11,n. 1 (Syntaxe transformationnelle du français), p. 61-76, 1971.

LEHMANN, Christian. **Trouths on grammaticalization: a programmatic sketch**. Colônia: Arbeiten des Kölner Universalien Projekts 48, 1982.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

MACAMBIRA, J. R. **Estrutura do vernáculo**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

_____. **Estrutura morfossintática do português**. São Paulo: Pioneira, 2001.

MACHADO VIEIRA, S. M. **Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MARTELLOTA, Mário. **Mudança Linguística. Uma abordagem baseada no uso.** São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINET, A. **Qu'est-ce que La linguistique fonctionnelle?** ALFA, v.38, 1994, p.11-18.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** 7ª ed. Editorial Caminho: Lisboa, 2003.

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique générale.** Paris: Champion, 1912.

_____. **Linguistique historique et linguistique générale.** Paris: Champion,

1948.

NASCIMENTO, M. do. **Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua.** Revista DELTA, 6, 1, p.83-98. 237

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de usos do português.** São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte.** In: A gramática: história, teoria e análise, ensino. UNESP. São Paulo, 2002.

_____. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLS, J. **Functional theories of Grammar.** Annual Review of Anthropology. v.13, 1984, p. 97-117.

ORTEGA, Fernanda Érica. **A estrutura argumental preferida (EAP) em diversas sincronias do português: um exercício de análise do verbo-suporte tomar no português arcaico.** Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, 2010.

PALMER, F. R. **Semântica.** Lisboa: Edições 70, [s/d.].

PANTE, M. R. **O verbo tomar como suporte no português arcaico**. Revista estudos da Linguagem, v.13, n° 24, p.161-175, 2012.

PAZ e SILVA, Leila Vasti. **Predicações com o verbo levar: aspectos relativos à multifuncionalidade e gramaticalização**. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PERINI, M. A. **Sintaxe portuguesa: metodologia e funções**. São Paulo: Ática, 1989.

———. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995.

RANCHHOD, Elisabete Marques. **Construções nominais com verbo-suporte estar: nominalizações e nomes autônomos**. Tese (Doutorado) - Universidade de Lisboa, 1998.

———. **Construções com nomes predicativos da Crônica Geral de Espanha de 1344**. In: Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão. Org. Isabel Hub Faria. Edições Cosmos: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999.

———. RANCHHOD, Elizabeth M. **Sintaxe dos predicados nominais com Estar**. Lisboa: INIC – Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.

RASSI, Amanda P.; VALE, Oto. A. **Tipologia das construções verbais em PB: uma proposta de classificação do verbo dar**. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 105-130, 2013.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

Rosch, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In T. E. Moore (Ed.), **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press, 1973.

Rosch, E. **Cognitive reference points**. Cognitive Psychology, 1975

SCHER, A. P. **As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações em –ada no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

SILVA, Hilda Monetto Flores da. **Verbo-suporte ou expressões lexicalizadas?** Revista Solettras, UERJ, Ano IX, nº 17, 2009.

TAVARES, Maria Alice. A Gramaticalização de e, aí, daí e então:estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo propulsora de informações – um estudo de sociofuncionalista, 2003. Santa Catarina: Faculdade de Letras, UFSC. Tese de Doutorado.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2.d. Oxford:Calderon Press, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A gramaticalização de verbos**. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (Org.). Linguagem, conhecimento e aplicação – Estudos de língua e linguística. Rio de Janeiro: Editora Europa, 2003a: 306-321.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VALE, O. A. **Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

VAZA, Aldina Carçoço. **Estruturas com nomes predicativos e o verbo suporte dar**. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, 1988.

VIEIRA, M.S.M. “Caracterização do comportamento multifuncional de fazer”. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo & MOTA, Maria Antónia (orgs). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. Rio de Janeiro: In-Fólio VILELA, Mário. Gramática da língua portuguesa. 2ª ed. Livraria Almedina – Coimbra, 1999.

XATARA, C. M. **A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês**. Araraquara. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 1998. 239 _____; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C.

As dificuldades na tradução de idiomatismos. Cadernos de Tradução, Florianópolis, NUT, 2002 v. 8, p. 183-194.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophische Bemerkungen**. Frankfurtam Main: Suhrkamp, 1989.